CÍRCULO DE ESTUDOS

Biblioteca Círculo de Estudos Bandeirantes
PUCPR
CEB

Responsáveis pela publicação:

Euro Brandão
Ireneu Martim
Jayme Ferreira Bueno
Sebastião Ferrarini

Círculo de Estudos Bandeirantes
Biblioteca
PUCPR
CEB

CÍRCULO DE ESTUDOS
REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES
NOVA FASE - Nº 6 - Julho 1992

SANTO AGOSTINHO:

Vida, obra e atualidade.

Conferência do Prof. Nelson de Luca, no Círculo de Estudos Bandeirantes, a 7 de novembro de 1991.

CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES
Fundado a 12 de setembro de 1929

Reconhecido de Utilidade Pública pelo Decreto Federal nº 31144, de 11 de outubro de 1938.

Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual nº 8879, de 6 de outubro de 1988.

Órgão cultural vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

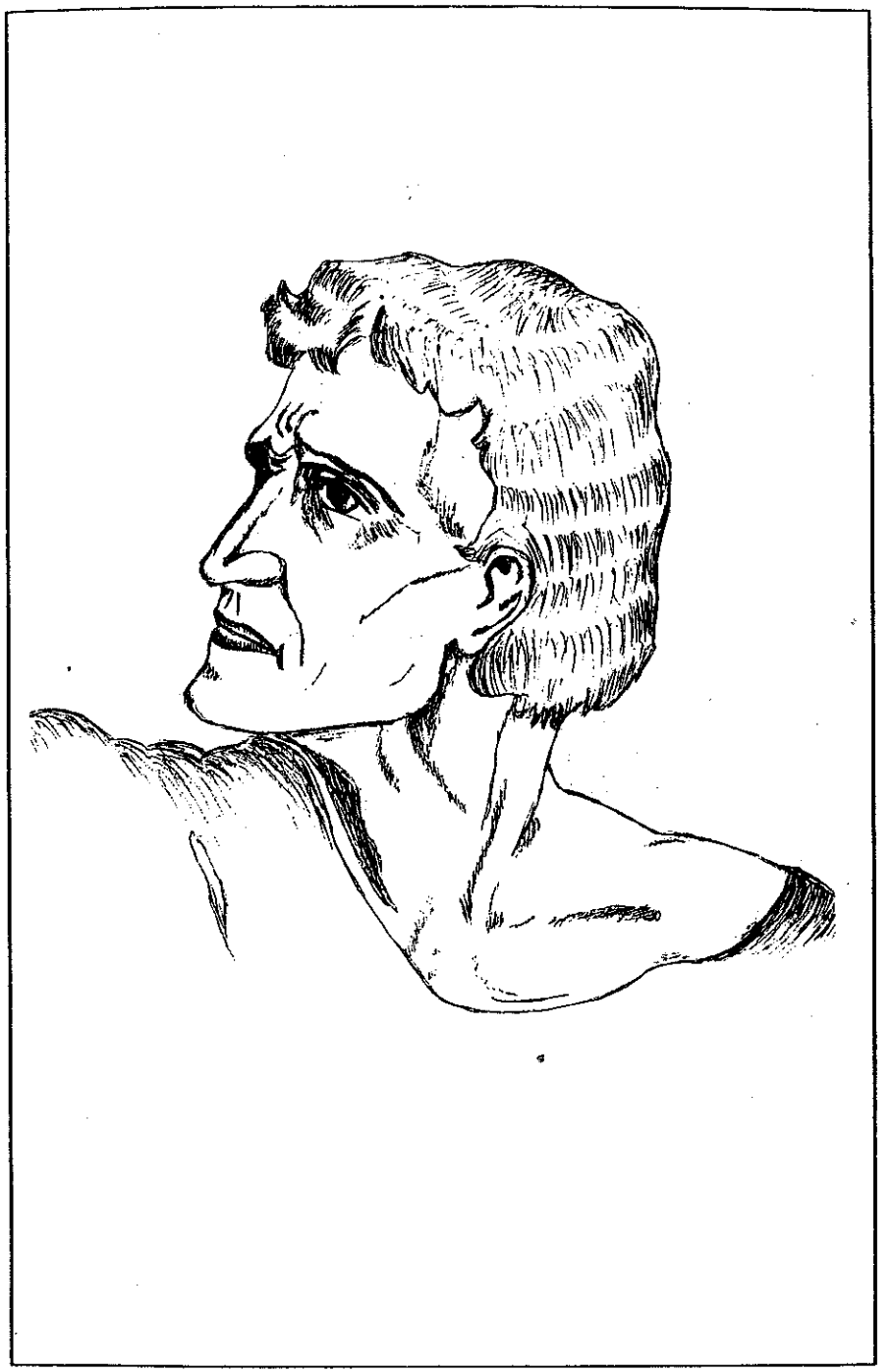
Sede: Rua XV de Novembro, 1050 - 80060-000 - Curitiba, Paraná, Brasil.

DIRETORIA :

Presidente: Euro Brandão
Vice-Presidente: Mário Montanha Teixeira
Primeiro Secretário: Ireneu Martim
Segundo Secretário: Sebastião Ferrarini
Primeiro Tesoureiro: Carlos Franco Ferreira da Costa
Segundo Tesoureiro: Clemente Ivo Juliatto
Diretor Sócio-Cultural: José Geraldo Lopes de Noronha

Coordenadores de Secções

Estudos Paranaenses: Edvino Tempski
Estudos Brasileiros: Antônio Celso Mendes
Estudos Portugueses: Leopoldo Scherner
Estudos Religiosos: D. Moacir José Vitti
Estudos Antropológicos: Maria Cecília Solheid da Costa
Estudos Filosóficos: Frei Eduardo Quirino de Oliveira
Estudos Filológicos: Jayme Ferreira Bueno



SANTO AGOSTINHO (n.Tagaste a 13/NOV/354; m. Hipona a 28/AGO/430).

DEDICATÓRIA

A todos os que estão na posse ou à procura da Verdade.

In memoriam

Cristóvão-Hercília, meus pais;
Antônio-Martha, meus sogros.

EPÍGRAFES

Quando toda a habilidade humana já não é suficiente e os timoneiros que se revezam para assegurar a rota da nave nada mais conseguem contra a violência das ondas, quando despregar as velas se torna mais perigoso que útil, quando os meios e os esforços dos homens são vãos, então aos marinheiros nada mais resta senão recorrer à criação e ao brado dirigido ao Céu! {Sermão LXXV, 3, 4; *apud* (24), p. 37}.

Senti e experimentei não ser para admirar que o pão, tão saboroso ao paladar saudável, seja enjoativo ao paladar enfermo, e que a luz, amável aos olhos límpidos, seja odiosa aos olhos doentes. { Livro VII, cap. 16, de (8)}.

Criaste-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós. {Livro I, cap.1, de (8)}.

Eu estava de costas voltadas para a luz e com a face erguida para os objetos iluminados, por isso, o rosto, com que os via iluminados, não era iluminado. {Livro IV, cap.16, de (8)}.

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! {Livro X, cap.27, de (8)}.

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. {Livro X, cap.22, de (8)}

Para aprender é mais eficaz uma curiosidade espontânea do que um constrangimento ameaçador. {Livro I, cap.45, de (8)}.

Vede, ó Senhor Deus, e reparai benigno, segundo é vosso costume, como os filhos dos homens observam diligentemente as regras da ortografia e das sílabas, recebidas dos primeiros mestres, e desprezam as leis eternas da salvação, de Vós recebidas. {Livro I, cap.18, de (8)}.

Tanto ao analisar como ao sintetizar busco a unidade, amo-a; porém, quando analiso, busco-a pura e simplesmente; quando sintetizo, busco-a integralmente. {(19), p.142; tendência universal para a unidade}.

Não te derrames no exterior; concentra-te em ti mesmo; no homem interior reside a verdade. {(19), p.162}.

O ministro da palavra divina deve mirar três coisas: que a verdade resplandeça, que a verdade agrade e que a verdade arraste. {(19), p.204}.

O céu e a terra e quanto neles existe gritam-me que Te ame, Senhor meu; e estas vozes são tão grandes que não há escusa, se não Te amarmos. {Livro X, cap.6, de (8)}.

É mais sublime que todo o mundo, a mente que está unida a Deus. (19), {p.296-297}.

Os corpos com sua gravitação tendem para o seu centro. Não vão precisamente para baixo, mas para seu centro. O fogo sobe para o alto; a pedra cai para baixo. O azeite derramado debaixo d'água, subirá e flutuará sobre ela; a água derramada sobre o azeite irá ao fundo. Todos os seres têm seu amor ao centro e a ele vão. Se não estão ordenados com respeito a ele, se agitam inquietos; quando se ordenam, repousam. Pois bem: meu amor é meu peso; ele me arrasta onde quer que eu vá. {(19), p.297}.

Como escolhes o que hás de comer, elege igualmente o que hás de falar. {(19), p.298}.

Aquele que conduz o operário a trabalhar deve dar-lhe duas

coisas: o alimento para que não desfaleça e o salário com que possa desfrutar. {(19), p.299}.

Todo verdadeiro e bom cristão há de saber que a verdade é própria do Senhor, em qualquer parte onde ela se encontre. {(19), p.301}.

A lei da caridade é a lei da liberdade. {(19), p.301}.

Não se ama o que totalmente se ignora. Mas quando se ama uma coisa, ainda que apenas uma partezinha dela, o mesmo amor faz que se a conheça cada vez com mais afinco e plenitude. {(19), p.301}.

O que se desvia do que é verdadeiramente, tende ao nada. {(19), p.303}.

É necessário que sejam ásperos os tempos, para que se não ame a felicidade da terra. Convém, e é medicinal, que a vida presente seja perturbada, para que se ame a outra. {(19), p.303}.

Não é o mesmo a grandeza maciça e a vacuidade do inchaço. O que incha por fora, interiormente está estragado. {(19), p.307}.

Suprime de ti tudo o que é contrário à verdade. {(19), p.307}.

A sociedade é a multidão de animais racionais vinculados entre si por uma lei. {(19), p.311}.

Porém eu, desventurado de mim, crendo-me forte para o vôo, saltei do ninho, e antes de voar caí em terra. Mas o Senhor compadecendo-se de mim, e para que me não pisoteassem os caminhantes, levantou-me e me pôs no ninho (da Igreja Católica Apostólica Romana). {(19), p.309}.

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	13
2 DESENVOLVIMENTO	14
2.1 Notícia histórica	14
2.2 Lugares da vida de Agostinho	18
2.3 A família	22
2.4 Os estudos	24
2.5 A atuação profissional	38
2.6 A conversão e o batismo	40
2.7 Monge, Sacerdote e Bispo	45
2.8 Obra literária	51
2.9 Atualidade	55
2.9.1 Introdução	55
2.9.2 Aos homens de hoje	57
3 CONCLUSÃO	60
NOTAS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66

1. INTRODUÇÃO

Santo Agostinho foi incansável defensor da fé contra toda classe de desvios, um dos quatro grandes Doutores da Igreja Latina e, além disto, Bispo e Confessor {(10), p.866}.

Antes de converter-se, Professor de Retórica distinguido e Primeiro Orador do Império Romano do Ocidente.

O Papa Paulo VI definiu-o como "Poeta da Verdade" e o seu estilo como "a harmonia total da forma e do conteúdo". Afirmou, também: "Aquilo que em Cícero seria tão-somente retórica, em Agostinho é estilo" {(24), p.152}.

É, pois, para mim, honra desmesurada poder falar sobre esse vulto insigne, máxime para a cristandade, que foi *Aurelius Augustinus*, esse o seu nome, que daqui por diante passarei a chamar, simples e carinhosamente, *Agostinho.*

Empenhar-me-ei em seguir o salutaríssimo conselho de Agostinho: "Digas tudo o que dizes, o que quer que narres, faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo, creia, crendo, espere e, esperando, ame" {(01), p44}.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Notícia histórica

Em Roma, convencionalmente fundada em 753 a.C., vigorou a *monarquia* dessa data até 509 a.C., logo, durante 244 anos. À monarquia sucedeu a *república* de 509 a.C. até 30 a.C., abrangendo, assim, 479 anos. Enfim, surge o *império*, que se estendeu de 30 a.C. a 476 d.C., por conseguinte, 506 anos.

Em 286 d.C., o imperador Diocleciano compartilha com Maximiano, ambos com o título de "Augusto", o governo do império, notando-se que, em 293, são agregadas a este mesmo governo mais duas pessoas, ambas com o título de "César", sempre sob a liderança de Diocleciano, o que assegurava a unidade, sob um argumento frágil. Passou-se, então, de uma *diarquia* para uma *tetrarquia*(1).

Uma *divisão permanente* do governo do império ocorreu, por obra de Arcádio e Honório, filhos de Teodósio I, dando origem aos chamados *Império Romano do Ocidente* e *Império Romano do Oriente*, o que teve lugar em 395, este último tendo por capital a cidade de Constantinopla e sobrevivendo até o ano de 1453, quando esta cidade foi tomada pelo sultão turco Maomé II.

O *Edito de Milão*, acordado entre Constantino I, o Magno, e Licínio, de 313, pôs fim, oficialmente, às perseguições injustas contra os cristãos e concedeu à Igreja Universal, liberdade plena de se organizar e exprimir juridicamente, segundo os ditames da própria fé, de a professar exteriormente, de construir templos apropriados e outras coisas a ela ligadas.

Constantino I imperou de 312 a 337 (22 de maio) e deu início à dinastia constantiniana, que abrangeu o período de 306 a 363. Sucederam-lhe Constantino II, Constâncio II, Constante, Delmácio e Anibaliano. Estes dois últimos foram assassinados no mesmo ano de 337. Constantino II morreu em 340 e Constante, em 350. Portanto, Constâncio II governou praticamente de 337 a 361. Depois de Constâncio II veio Juliano, cognominado "Apóstata", que imperou apenas de 361 a 363. Seguiram-lhe Joviano, de 363 a 364; Valentiniano I, de 364 a 375; Valente, colega de Valentiniano, de 364 a 383; Valentiniano II, de 375 a 392; e Teodósio I, de 379 a 395, encerrando a dinastia valentiniana, iniciada em 364.

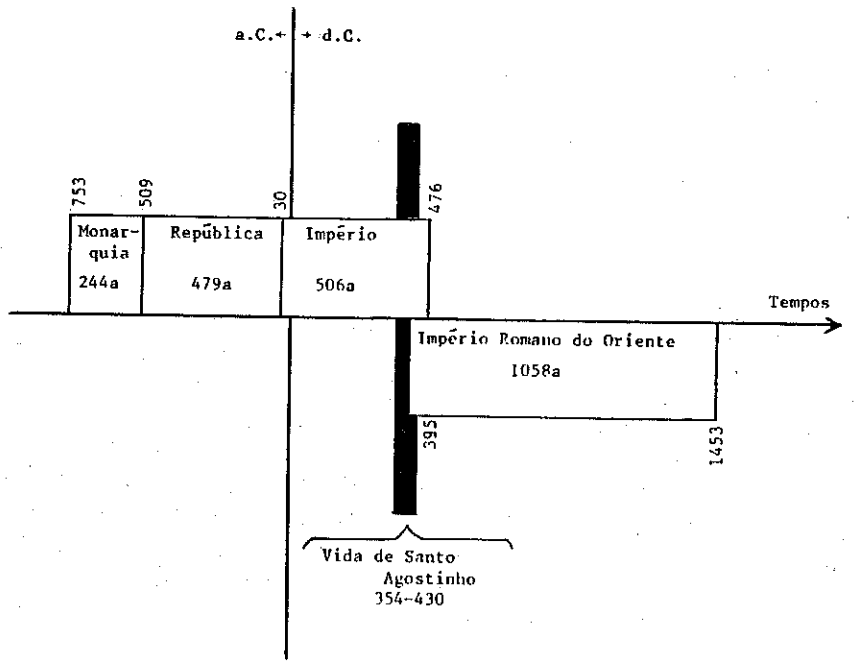
Em 395, Arcádio e Honório, filhos de Teodósio I, partilham o império entre si, em forma permanente, tendo Arcádio imperado de 395 a 408 e Honório, 395 a 450. Teodósio II, filho de Arcádio, de 408 a 450.

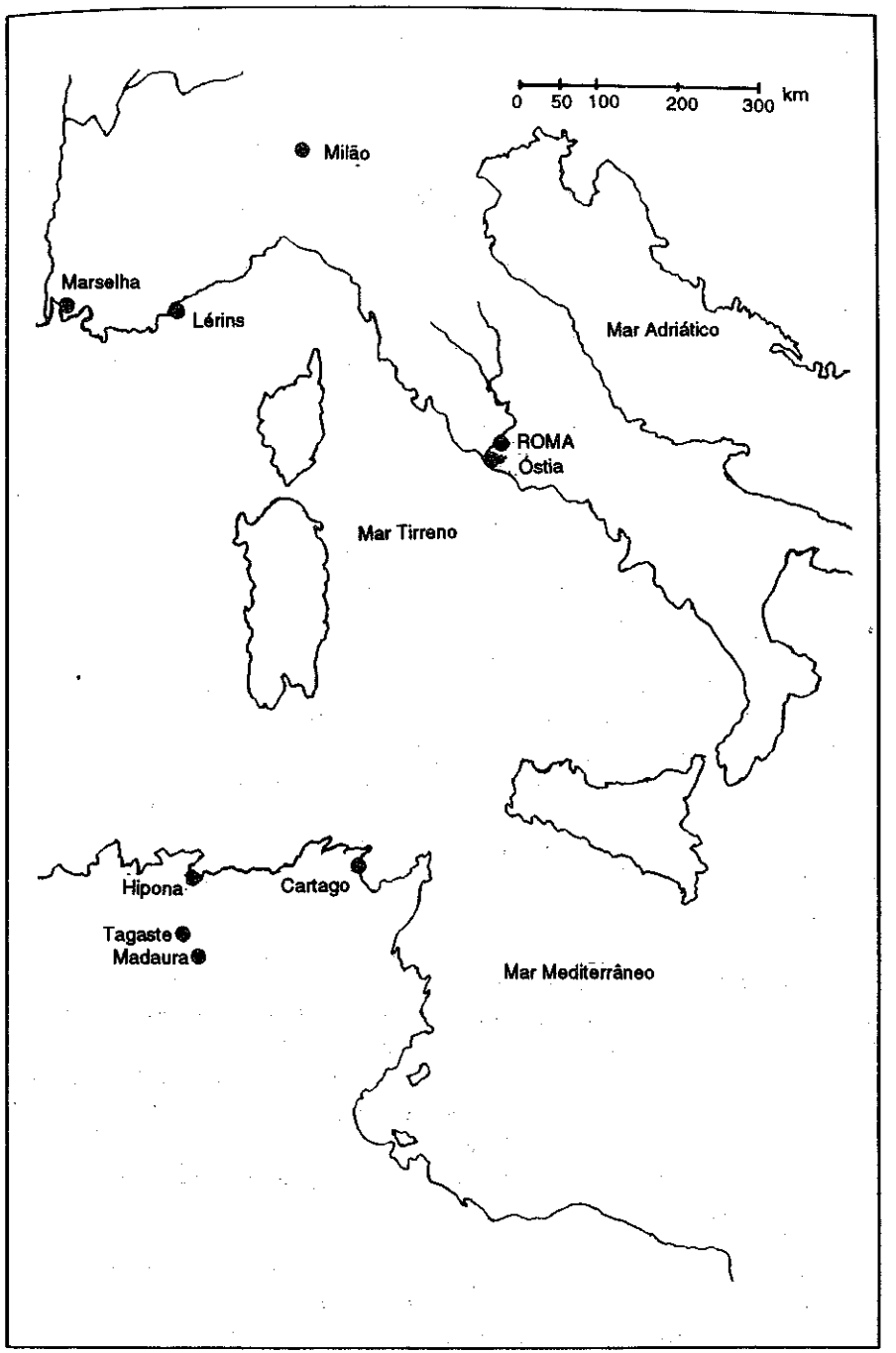
Todavia, desencadeia-se o assalto dos povos "Bárbaros"(2). Em 410 Alarico I (370-410), rei dos Visigodos de 396 a 410, saqueia Roma. De 410 a 415 reina Ataúlfo, sucessor de Alarico I. Em 430, os Vândalos de Genserico tomam a África do Norte. Em 451, os Hunos de Átila invadem a Gália, mas são abatidos por Ézio, general de Valentiniano III, nos campos da Catalunha. Valentiniano III imperou de 425 a 455. A seqüência prossegue, notando-se, em 455, o saque de Roma pelos Vândalos e, em 476, a deposição, por Odoacro, rei dos Érulos, do imperador Rômulo Augústulo, que imperou nos anos de 475 e 476, terminando, assim, o Império Romano do Ocidente.

"No dizer de Malet(3), a queda deste império foi devida a uma crise econômica, produzida pela necessidade em que se viu o império de manter uma estrutura administrativa e militar muito gravosa. Aliás, ambas ineficientes." O mesmo autor, encerrando seu volume sobre Roma, escreve: "Os bárbaros atacaram Roma. O império pagava o erro de não haver continuado a obra de César: a conquista do norte da Europa".

Por outro lado, a pletora de riquezas enfraqueceu a fibra guerreira dos romanos, antes de haverem terminado sua tarefa. Os bárbaros existiram sempre e, se bem que o avanço dos Hunos os obrigou a entrar no império, outra teria sido a conduta daqueles, se Roma lhes tivesse inspirado respeito e temor. Por isso, tem-se dito, sem receio de errar, que Roma caiu não por obra dos bárbaros, mas por sua própria decomposição interna, nas ordens política, financeira, econômica, social, militar e, sobretudo, moral. {Até aqui: (14), p.163-223; (20), p.13-70; (38)}.

O esquema a seguir dá uma visão pictórica e cronográfica da evolução política da Roma Antiga em confronto com o período em que viveu Agostinho.





Mapa mostrando alguns lugares importantes na vida de SANTO AGOSTINHO

2.2 LUGARES DA VIDA DE AGOSTINHO

Em sua vida, tanto profana como religiosa, Agostinho realizou viagens mais freqüentes durante sua laboriosa e fecunda atividade como Bispo Titular de Hipona.

Nesta condição, pervagando estradas consulares, caminhos e atalhos; cavalgando muares, acompanhado por monges e guia(4); parando aqui e ali para rezar e meditar; o grande Bispo vai a Tagaste, a Mutugena(5), a Tibúrsico de Numídia e a Cirta, para participar em controvérsias públicas, apesar de sua ocupação no escrever obras, proferir discursos, atuar em concílios e redigir cartas, que descrevem pormenores de suas viagens, via de regra nocivos para ele e seus companheiros, mas agradáveis para nós.

Como campeão da fé, Agostinho, arrostando grandes perigos, suportando contrariedades e contratempos, exaurindo energias, viaja muito, visando à *unidade da fé* e à causa global de Cristo.

Assim, percorreu a província numidiana, pleno de amor a Deus e de estesia, de equilíbrio e de paz, atravessando vergéis e terras áridas, para cumprir o múnus episcopal, mesmo além de sua diocese, a pedido de outros membros do episcopado católico africano. Afora as cinco localidades há pouco mencionadas, esteve, certamente, em Tubunae, Mileve, Zerta, Calama, Thiava, Fussala, Bulla Regia, Sicca Vineria, Assuras, Teneba, Musti, Tignica, Abitinae, Membressa, Vallis, Útica, Uzalis, Hippo Diarrhytus, antiga Hippo Acra, e outras; provavelmente, ainda nos lugares não identificados seguintes: Sitifis, Cuicul, Diana, Lambaese, Thamugadi (ou Timgad), Pusicade, Theveste, Simithu, Thugga, Tabraca, Sicilibba, Thuburbo, Hadrumetum e Sellectum.

Finalmente, fez-se presente, também, aos sessenta e quatro anos de idade, em Cesaréia da Mauritânia, cumprindo missão especial, guardada *in pectore*, que lhe atribuiu o Papa Zózimo(6), efetuando uma viagem longa, sob o sol africano de julho, com os habituais meios de transportes da época, ocasião em que se fez acompanhar, entre outros, pelos Bispos Alípio e Possídio, este seu primeiro biógrafo. {(24), p.166, 241 e 259}.

As localidades principais da vida de Agostinho são as a seguir mencionadas:

TAGASTE

Atual Souk-Ahrás, na Argélia, distava duzentos e cinqüenta quilômetros de Cartago e oitenta de Hipona. Pertencia à Província Romana da Numídia. "Sua memória, mais que à cúria, às termas, à basílica e ao título de município romano, está ligada ao prestígio inigualável do grande gênio do Ocidente" {(19), p.11}. É a cidade natal

de Agostinho.

MADAURA

Cidade vizinha de Tagaste, da qual distava vinte e quatro quilômetros, em direção ao sul. Nela Agostinho estudou gramática, com o aprendizado da estilística e da declamação. Matéria principal de análise, estudo e declamação eram os grandes clássicos: Virgílio, Homero, Horácio, Ovídio, Terêncio, entre outros. As obras de Virgílio andavam nas mãos dos meninos {(19), p.12}. Em Madaura, os olhos ávidos do adolescente Agostinho contemplaram estátuas romanas e templos de pórticos coríntios. Desta cidade era natural Apuleio, orador, taumaturgo e filósofo, a quem os concidadãos ergueram uma estátua {(9), p.53 *in fine*}.

CARTAGO

Cidade africana da antiga província da Numídia, agora localizada na Tunísia. Foi fundada cerca de 814 a.C. pelos fenícios, numa península próxima à qual se encontra hoje a cidade de Túnis. Em pouco tempo Cartago tornou-se a capital de uma república marítima muito poderosa, que substituiu Tiro no Ocidente, criou colônias na Sicília, na Espanha, enviou navegadores ao Atlântico Norte e sustentou contra Roma, sua rival, as longas guerras conhecidas pelo nome de "guerras púnicas" (264 a.C. - 146 a.C.). Apesar dos esforços de Aníbal, este se viu constrangido a pedir paz aos romanos, comandados por Cipião, o Africano, ao final da segunda guerra púnica. Foi destruída, ao final da terceira guerra púnica, por Cipião Emiliano (século I a.C.). Mais tarde, Cartago tornou-se a verdadeira capital da África Romana e da África Cristã. Tomada em 439 d.C. pelos Vândalos e em 698 pelos árabes, entrou em decadência {(26), p.1097}. Em Cartago, graças a seu benemérito e compatriota Romaniano, Agostinho fez estudos superiores, ou de eloqüência, e recebeu um impulso vigoroso de outro gênio clássico, que foi Cícero {(19), p.15}. Nela, "gostando de amar, procurava um objeto para esse amor; odiava a sua vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de si uma fome de alimento interior, de Vós, ó meu Deus". "Horrorizava-se com o proceder dos "demolidores", das troças com que insolentemente assaltavam a simplicidade dos calouros, a quem amedrontavam rindo-se sem razão e achando nisto pasto para suas malvadas alegrias. Nada mais semelhante aos seus atos do que as ações dos próprios demônios" {(8), p.67-71}.

ROMA

Já enfocada em 2.1. Nesta cidade Agostinho exerceu o magistério de 383 a 384, onde esperava encontrar alunos mais tranqüilos, de par com maiores lucros e consideração {(6), p.106 do encarte; (32),

p.23}. Entretanto, descobriu, doridamente, que os alunos romanos, embora menos turbulentos, tinham o deplorável costume de abandonar os mestres, ao final do curso, sem lhes pagar {(125), p.122}. Eram velhacos..., delicados...

MILÃO

Em Latim, *Mediolanum*. Cidade italiana, capital da Lombardia. Fundada pelos gauleses lá pelo ano de 600 a.C., a mais antiga povoação da região, Milão, torna-se, nos séculos seguintes a capital de uma tribo céltica, conhecida como os Insubres, um povo da Gália Transpadana(7). Ao tempo da conquista romana, em 222 a.C., Milão já era uma das mais poderosas cidades da região do lado romano dos Alpes, conhecida como Gália Cisalpina(8). Sob o imperador romano Augusto (63 a.C. a 14 d.C.), ela se tornou parte da décima primeira região da Itália, adquirindo poder econômico crescente e prestígio, até se tornar a segunda cidade do Império Romano do Ocidente, Roma sendo a primeira. No terceiro século da era cristã, seguindo a partição do império instituída pelo imperador Diocleciano, ela foi designada como residência e centro administrativo principal de um dos dois imperadores. O imperador Constantino, o Grande, declarou-a sede do Vigário da Itália. Em 452 depois de Cristo, Átila, o Huno, devastou-a e, em 539, os Godos destruíram-na. Todavia, a cidade não pereceu inteiramente como decorrência dessas duas incursões bárbaras. Pela segunda metade do décimo século da era cristã a vida da cidade foi ressurgindo, com vigor renovado. Sua história prosseguiu até os nossos dias {(33)}. Foi em Milão que, em 313 d.C., foi promulgado o Edito pelo qual Constantino e Licínio proclamaram a liberdade dos cultos {(26), p.1405}.

CASSICÍACO

Em Latim, *Cassiciacum*. Chama-se hoje, com boa probabilidade, Cassago de Brianza, situado à distância de trinta quilômetros ao norte de Milão. Está encravado em meio aos montes. Na colina onde existia a casa de Verecundo, séculos mais tarde, os duques Visconti di Modrone levantaram um palácio. {(8), p.214, nota de rodapé 2; (32), p.35}. Verecundo, que era gramático, possuía uma vila em Cassicíaco. Em 386, propôs a Agostinho que este se instalasse ali durante as férias, com todos os seus, contanto que lhe administrasse a propriedade e olhasse pelos trabalhos. É inútil procurar vestígios dessa casa hospitaleira, onde o futuro monge de Tagaste e de Hipona se despediu do mundo. Cassicíaco desapareceu. Todavia, se o jovem Licêncio não sacrificou excessivamente à metáfora nos versos em que lembra a Agostinho "os sóis passados entre as altas montanhas da Itália", é provável que a herdade de Verecundo estivesse situada no alto das

primeiras ondulações montanhosas que vão dar à cordilheira de Brianza. Ainda hoje os milaneses abastados têm suas casas de campo naquela região. {(15), p.162-163}. Acompanharam Agostinho em Cassicíaco: Mônica, sua mãe; Adeodato, seu filho; Alípio, seu amigo; Licêncio, filho de Romaniano, e Trigécio, ambos discípulos seus. {(9), p.5}; Navígio, seu irmão, homem bom, do qual apenas se sabe sofrer de uma doença hepática - a icterícia do colono africano - a obrigá-lo à abstinência dos pratos doces; Rústico e Lastidiano, seus primos, personagens apagados. {(15), p.167}.

ÓSTIA

Porto da Roma antiga, perto da foz do rio Tibre. Grande estação balneária: Lido di Óstia ou Lido di Roma. Contém vestígios antigos impotantes {(26), p.1450}. É a moderna "Óstia Antica", base militar romana na foz do rio Tibre. Foi um porto da Roma republicana e um centro comercial sob o império (depois de 27 a.C.). Os romanos consideravam Óstia como sua primeira colônia e atribuiam sua fundação a seu quarto rei, Ancus Marcius, no sétimo século antes de Cristo. Arqueólogos acharam no local um forte, de meados do quarto século antes de Cristo, porém nada mais antigo. Óstia tornou-se uma base naval e uma base maior de esquadra durante as guerras púnicas (264-201). Foi o maior porto da Roma republicana até que, obstruído parcialmente por um banco de areia, tornou-se inadequado para navios grandes. Durante o império, Óstia foi um centro comercial e de armazenagem, para suprir Roma de grãos, e uma estação de serviço para navios destinados a Portus(9). No ponto culminante da prosperidade de Óstia, no início do segundo século da era cristã, sua população era de cinqüenta mil pessoas, aproximadamente. As novas construções incluiam edifícios de apartamentos avantajados, de tijolos, e numerosos templos. Óstia sofreu com o declínio da economia romana iniciado no terceiro século AD(10) e com as incursões bárbaras do quinto século e seguintes. Foi abandonado depois da edificação de Gregoriópolis, no local da Óstia antiga, pelo Papa Gregório IV (827-844,AD). Posto que as ruínas romanas foram usadas como materiais de construção na Idade Média e por escultores em mármore na Renascença, podem ser vistos agora, após longa escavação arqueológica, cerca de dois terços das cidades romanas.

HIPONA

Em Latim *Hippo*(11); mais tarde *Hippo Regius*. Era uma cidade portuária da costa norte-africana, situada nas proximidades de Bône, agora Annaba, na Argélia. Provavelmente, Hipona foi estabelecida de início pelos cartagineses, no quarto século antes de Cristo. Depois, tornou-se sede dos soberanos númidas. Sob controle romano, ela foi

feita um *municipium*(12) e, posteriormente, uma *colônia*(13). O personagem mais impotante da cidade foi Agostinho, um Padre da Igreja, Bispo(14) ali de 395 a 430 AD. Hipona, que se apoderou de Agostinho e fê-lo aí trabalhar por cerca de quarenta anos, aos olhos da história será o seu quartel-general. Dessa cidade existem ruínas. Pertenceu à Província Romana da Numídia. {(24), p.136}.

2.3 A FAMÍLIA

Agostinho nasceu em Tagaste, hoje chamada Souk-Ahrás, na atual Argélia, África do Norte, localidade que pertencia à antiga Província Romana da Numídia.

Era filho de Patrício(15) e de Mônica, sua esposa, que tiveram mais dois filhos: Navígio e uma menina, provavelmente chamada Perpétua, que seria freira e superiora de um convento {(8), p.32, nota de rodapé 3; (6), p.106 do encarte; (16), p.21}.

Tagaste era uma terra encantadora, plena de energias e forças adormecidas, de atrativos em contraste, de vegetação luxuriante e amena, de horizonte de um azul dulcíssimo, de céus luminosos, povoados de miríades de estrelas; a África era uma das mais belas regiões do mundo antigo.

O povo africano, que para nós é uma mescla de raças instáveis e rudes, em tempos passados teve glórias imorredouras: Amílcar, Aníbal e Jugurta rivalizaram, em certa época, com a glória das águias romanas, detendo o passo célere e vitorioso dos legionários.

Sob a fé cristã, a África celebrizou-se na História da Igreja, a quem deu homens insignes tanto pela doutrina como pela santidade: São Cipriano e Santo Agostinho, Tertuliano e Latâncio, entre os padres; Santa Perpétua, Santa Felicidade e Santa Catarina, entre as mais ilustres virgens e mártires, que empurpuraram de sangue aquela terra, em testemunho de sua fé em Cristo {(16), p.7-8}.

No ano de 331, quando o paganismo agonizava em meio a uma floração de homens santos e doutos, surge uma criança privilegiada, no seio de uma família cristã, escolhida para ser a mãe do maior Doutor da Igreja. Seus primeiros vagidos anunciaram sua missão sobre a terra: sua vida deveria ser cheia de dores. A oração, as lágrimas e o seu apostolado serão as armas do seu triunfo. A essa criança foi dado o nome de Mônica, que significa "amiga só", e que ela o celebrizou, santificando-o com uma vida verdadeiramente única, exornado de todas as virtudes e predicados formadores do ideal mais sublime da mulher deveras cristã.

Mônica veio à luz, pois, num ambiente profundamente cristão. Ignora-se o nome de seu pai, mas a tradição diz ser Facúndia o de sua

mãe. No começo do século quarto da era cristã, Tagaste aderiu ao cisma de Donato. A família de Mônica e algumas outras resistiram, permanecendo fiéis à Igreja. Seus pais, em meio aos reveses de fortuna, modelaram Mônica nas virtudes mais sólidas, instilando em sua alma o desprezo por tudo o que não é eterno e gerando em seu coração aspirações e entusiasmo para as coisas do céu {(16), p.8-10}.

Possuindo caráter firme e decidido, era de coração muito sensível, mas cheio de energia no amar e no agir. A fé, a piedade, a amável modéstia, o amor a Deus e aos pobres, a estatura antes alta que mediana, a serenidade e natural encanto do rosto, tornavam-na uma jovem a um tempo só admirável e amável {(126), p.15}.

Foi dada como esposa a um homem que muito pouco se lhe assemelhava. Patrício, esse era seu nome, fazia parte da Câmara Municipal de Tagaste, razão por que gozava de certa distinção e era um belo tipo de africano romanizado. Não era rico; tão-somente abastado, proprietário de doze hectares(16) de terras(17). É fácil supor que vivesse com a família dos rendimentos de seus haveres. Sair à caça, andar a cavalo, ostentar a dignidade de decurião(18) nos dias festivos, fiscalizar os escravos e os meeiros(19), fazer bons negócios no mercado, eis as ocupações quotidianas do marido de Mônica.

Agostinho nos conta que seu pai tinha um bom coração, mas sua vida era pouco exemplar. Pagão, indiferente à religião, à virtude e ao vício, era capaz, assim, de ações torpes ou louváveis. Sua índole era rude e violenta, zangando-se com facilidade e excedendo-se na sua cólera.

Patrício tinha mais de quarenta anos e Mônica apenas vinte, por ocasião do casamento. Ele veio a falecer, já convertido e batizado, graças à sua esposa, aos sessenta anos de idade, aproximadamente, em 371. Mônica morreria em 387, aos cinqüenta e seis anos, longe da pátria, em Óstia, na Itália.

Humanamente, é difícil explicar a união de personalidades tão díspares. A fé, contudo, irá mostrar que Deus, regendo os acontecimentos, dispôs que: "O homem infiel fosse santificado por meio da mulher fiel" {(15), p.7; (16), p.15-17}.

O primeiro filho, Agostinho, nasceu a 13 de novembro de 354 AD, quando Mônica tinha cerca de vinte e dois anos de idade e ligará estreitamente sua vida à dele. Embora cumulasse cada um dos filhos com desvelos os mais solícitos e tocantes, teve Mônica carinhosa e especial preferência por Agostinho.

O segundo filho, Navígio, meigo e silencioso, passará a vida quase sempre doente, fazendo o bem aos outros e descurando-se de si próprio. Semelhante à mãe, crescerá junto a ela. Enquanto Agostinho será o estouvado, a causa dos sofrimentos da mãe, Navígio ser-

lhe-á o terno e fiel consolador.

Pela tradição, sabemos que o casal teve também uma filha, que cresceu, casou-se, enviuvou e não teve filhos. Posteriormente, residiu com Agostinho até a sua ordenação sacerdotal. Por fim, retirou-se a um convento de virgens, onde foi eleita superiora e, durante sua vida, deixou exemplos invulgares de virtude {(16), p.20-21}.

A prole deve ser recebida com amor, sustentada com amor e generosidade e educada com piedade. Assim afirmou Agostinho no "Estudo sobre o Gênesis IX,7". É bom, em nossos tempos, quando muito se fala em realização pessoal, pôr em evidência princípios salutares como esse. Os filhos são um dom de Deus. Na perspectiva de Agostinho é recordado que o amor impõe sacrifícios. Se o mundo vai reconhecer amanhã como supremo valor a auto-realização, sem uma visão do outro, estamos fadados a verificar atitudes que vão até à ferocidade na procura de uma auto-realização, à margem dos interesses de nossos semelhantes e, ainda, passando por cima dos direitos destes. Chegará o momento, se é que já não chegou, em que será verdade a frase de Hobbes: "O homem é um lobo para seu semelhante" {(37), p.15}.

2.4 OS ESTUDOS

Crescido em anos e desenvolvidos nele os primeiros germes da razão, Mônica o instruiu nos essenciais mistérios da religião. Esforça-va-se por inspirar-lhe repugnância pelo que é finito e perecível, o horror ao mal, a aversão por tudo o que desagrada, em suma, esforçava-se por imprimir-lhe um caráter firme. Ao que parece, este salutar esforço era prejudicado pela conduta do pai, que era pagão.

Passou a primeira infância entre os brinquedos ruidosos e os caprichos próprios da idade.

Mônica decide que ele freqüente a escola na sua cidade, Tagaste, a fim de tê-lo sempre sob a sua atenção e cuidados. Ela e o pai enviaram-no, pois, ao *primus magister*, isto é, ao professor primário.

Assentadas em bancas ou anichadas em esteiras, dispostas em volta dele, as crianças entoavam em coro: "Um e um, dois; dois e dois, quatro", estribilho embirrento e ensurdecedor, que se ouvia por toda a vizinhança. Às vezes, a aula era um simples alpendre campestre, bem ou mal protegido dos rigores do sol ou da chuva por um toldo, ou então um pardieiro, alugado a preço baixo, exposto a todos os ventos, com um mosquiteiro diante da porta. Aquilo no inverno devia ser uma geladeira e no verão, um forno.

Agostinho não detestava apenas a escola, mas, também, o que nela se ensinava: o alfabeto, as contas e os rudimentos de gramática latina e grega. Ele que, mais tarde, haveria de ser um bom professor, tinha aversão ao estudo, máxime ao grego; em geral, a todas as

disciplinas escolares. Espírito intuitivo e repentino, não se podia confinar na lentidão dos métodos. Emperrava com as dificuldades ou penetrava-as imediatamente. Enfim, Agostinho foi uma das muitas vítimas do erro vulgar dos pedagogos, que não sabem, ou não podem, adaptar as lições à diversidade das inteligências.

Como a maioria dos futuros grandes homens, foi um mau discípulo, precisando, muitas vezes, ser castigado, açoitado cruelmente, pela vara do *magister*, o que lhe causava terror indescritível. Não bastaria uma simples palavra, dita a propósito, para mover eficazmente o culpado?...

Contudo, a sua inteligência precoce causava admiração a todos.

Convinha, pois, não omitir dons tão auspiciosos. Mônica foi a primeira a reconhecê-lo, fazendo ver a Patrício a vantagem que havia de Agostinho continuar os estudos. Ademais, como os negócios do curial não corriam muito bem, Patrício começou, quiçá, a entrever que o filho, aprendendo uma arte liberal poderia ajudar a endireitá-los e, como retórico e advogado de fama, vir a salvar a família e a tornar-se o seu benfeitor. É que a retórica, à época, abria caminho para todas as situações. Os municípios e o próprio tesouro imperial pagavam bons ordenados aos professores de eloqüência. Aqueles que andavam a fazer conferências, de cidade em cidade, chegavam até a reunir fortunas consideráveis.

Sobre êxitos dessa natureza a África tinha exemplos relevantes, como Vitorino, Fronton de Cirta e Pertinax, que chegou a ser imperador.

Nada faltava a Agostinho para alcançar êxito: talento, vivacidade, memória feliz e imaginação esplendorosa. Sem se cansar, poderia honrar a si e aos seus mestres. Não obstante isto, a paixão pelo brinquedo absorvia-lhe completamente o pensamento, fazendo-o perder todo o tempo e merecer castigos, que, compreensivelmente, ele temia.

A escola!..., eis a grande preocupação e a penosa recordação de Agostinho. Ele já a freqüentava antes da doença, que quase o leva à morte, e a ela voltava, com tristeza, qual condenado que vai para o exílio. Em sua imaginação infantil, ela era concebida como cárcere da infância, onde o açoite lhe estava associado, e eram inseparáveis. Este último o amedrontava de tal forma que, depois de haver sentido o ardor dos açoites e de inutilmente encontrar o procurado conforto da mãe e dos demais familiares, via-se impelido a ir ao encontro do Defensor dos fracos e oprimidos, exclamando com grande entusiasmo e força do coração: "Oh! meu Deus, fazei que eu nunca mais apanhe na escola!". Mas, como não ganhava juízo, também não era atendido, o que lhe causava invulgar desolação.

A cruel pedagogia escolar de sua época deixou um sabor amargo

em sua memória, a ponto de, quarenta anos mais tarde, denunciar como abomináveis e comparáveis à tortura do cavalete e das unhas de ferro.

À aversão pelo estudo, Agostinho juntava um orgulho, com tendência a desenvolver-se. Apreciava sobressair-se, mesmo enganando. Sob a capa da timidez ocultava a ambição nascente. Era o sangue de Patrício que lhe corria quente nas veias. Apesar disto tudo, temia a desonra, simpatizava-se com a virtude e mostrava afeto por todos. {(16), p.21-24; (16); (19), p.12}.

Um mundo novo ia abrir-se diante dos olhos de Agostinho, com a decisão de seus pais, resignados aos maiores sacrifícios, de mandá-lo para Madaura, uma vez que as escolas de Tagaste não estavam à altura de tão esperançosa criança.

Certamente, esta era a primeira vez que saía de Tagaste, seguindo uma bela estrada romana, pavimentada com grandes lájeas à entrada das cidades e calcetada cuidadosamente em todo o resto do percurso. Montado no alto selim de um cavalo, fez o percurso de uns vinte e quatro quilômetros, na estrada Hipona-Thevesto, iniciando-se na poesia das estradas e na qualidade que iria exornar também a sua vida de Bispo: a de viajante infatigável.

Ao final do percurso, numa pequenina elevação do terreno, aparece Madaura, com o casario branco a despontar no meio de uma planície ampla, de um cinzento aloirado e onde, hoje, não se vê mais do que um mausoléu em ruínas, restos de uma fortaleza bizantina e vestígios do passado a desvanecer-se, enquanto o homem vai esmagando as folhas secas da história, com o seu andar e agir ao longo do tempo...

Não se diga que os olhos de Agostinho ficaram indiferentes à beleza da paisagem, à sua energia, amplidão, luminosidade e ar copioso, de par com uma vegetação indigente, deixando a descoberto os efeitos maravilhosos da luz, visto como, depois de convertido e em meio à austeridade penitente em que vivia, escreveu: "Se as coisas sensíveis não tivessem alma, não se amariam tanto".

É em Tagaste e Madaura que Agostinho recolhe, na adolescência, os gérmens das sensações e imagens que mais tarde desabrocharão nas metáforas tão ardentes e palpitantes das *Confissões*, *homilias* e *paráfrases da Escritura*. Depois, já não terá tempo ou já não poderá. Virá a retórica estender o seu véu de banalidade por sobre a florescência contínua do mundo. Virá a ambição desviá-lo desses espetáculos, que só podem compreender os olhos desinteressados. Demais, a fé tomar-lhe-á todo o vagar e ele não perceberá já a criação mais do que por intermitências, numa espécie de sonho metafísico e, por assim dizer, através da glória de Deus Criador. Nos anos da juventude é que ela o compenetrava todo com uma violência e

suavidade extraordinárias.

Agostinho viveu em Madaura um mundo maravilhoso, onde tudo lhe encantava os sentidos e o espírito, excitando-lhe o instinto precoce da Beleza. Madaura sofreu muito mais do que Tagaste a influência do gênio construtor dos romanos.

A arquitetura romana deve ter produzido forte impressão no espírito de Agostinho, formando-lhe o pensamento e a sensibilidade. Foi ela que lhe continuou a recordar as lições recebidas dos gramáticos e retóricos latinos. Nem isto tudo, nem os exemplos que presenciava em Madaura eram de molde a animá-lo à fé católica, da qual começou a se afastar desde os primeiros anos de estudo. Ali, a maior parte da população, em especial a aristocrática, era pagã. Bem assim, a maioria dos pedagogos. Logo, é compreensível que, rodeado de tais companhias e influências mesológicas, as preleções cristãs de Mônica e das amas de Tagaste se lhe fossem desvanecendo do espírito, progressivamente.

Em Madaura, Agostinho continuou a sua aversão pelo grego, como que por instinto, resultando ser um helenista medíocre e, concomitantemente, um latinista exuberante. A custo decifrava a *Ilíada* e a *Odisséia*, exasperando-se com as dificuldades de uma língua estrangeira, que lhe ocultava o enredo das belas narrativas da fábula. Os resumos para uso das escolas, espécie de sumários da guerra de Tróia, compostos por gramáticos latinos, com os pseudônimos extravagantes de Darés, o Frígio, e de Dictis de Creta, tinham o inconveniente de serem demasiado áridos para uma imaginação como a de Agostinho. Em face disto a sua predileção ia para a *Eneida*, o poema que os africanos mais admiravam, em virtude do episódio consagrado à fundação de Cartago. Virgílio era o seu encanto. Leu-o e releu-o tantas vezes, que chegou a sabê-lo de cor. Até nos seus escritos mais graves citará, inclusive nos últimos anos de vida, versos e passagens completas do poeta da sua predileção. A aventura de Dido(20), então, chegava a comovê-lo até às lágrimas, sendo preciso arrancar-lhe o livro das mãos. É que havia uma harmonia secreta entre a alma de Virgílio e a de Agostinho. O grande poeta e o humilde estudante, igualmente meigos e graves, souberam compadecer-se por igual da rainha de Cartago. E ambos pretendiam salvá-la ou, ao menos, minorar-lhe a desgraça, dobrando um tanto a sensibilidade de Enéias e o rigor do destino.

Nesses anos agitados da adolescência, Agostinho apenas confusamente entrevia o alto significado religioso do poema virgiliano. Arrastado pela fogosidade do seu temperamento, abandonava-se ao encanto desolador dessa história romanesca(21); vivia-a, literalmente, com a heroína, prorrompendo em verdadeiros gritos, quando os professores o mandavam desenvolver em prosa latina as imprecações

de Dido moribunda.

O filho da cristã Mônica convertia-se num pagão declarado, na cidade de Apuleio. Ele entrava nos dezesseis anos, idade em que tem início a crise da puberdade, que, tendo-se preparado em Madaura, rebentou de repente em Tagaste.

Agostinho voltou para a casa dos pais, sem dúvida na época das férias, com provável prolongamento por um ano. Concluído o curso de humanidades, nada mais podia aprender com os gramáticos de Madaura. Tornava-se necessário partir para Cartago, com vistas ao completamento dos estudos, como ouvinte de algum retórico de nomeada. Além disto, era moda e ponto de honra para as famílias númidas mandarem seus filhos à capital da província, a fim de aperfeiçoarem a sua educação. Patrício desejava, a todo custo, para seu filho, aluno distintíssimo de Madaura, o prosseguimento dos estudos, pois, no seu ajuizado julgamento, não era conveniente abandonar uma educação promissora no meio de tão belo caminho. Todavia, a vida de estudante era cara e Patrício não possuía recursos para tanto. Os negócios não lhe corriam bem. Precisava esperar até o pagamento das rendas, carregar de impostos os caseiros e, enfim, em caso desesperado, solicitar adiantamentos pecuniários de algum patrão rico. Tudo isto requeria tempo e diplomacia. Entretanto, os dias e os meses iam-se passando. Agostinho, desocupado, influenciado por companheiros livres, deixava-se arrastar pelos prazeres de sua idade, com os jovens burgueses de Tagaste. Estes prazeres eram rudes e pouco variados: andar à caça e a cavalo, praticar jogos de azar, beber, comer e divertir-se.

Sobre esse proceder, Agostinho afirmará mais tarde: "Deixava-me arrastar para toda parte, derramava-me pelas coisas exteriores, desvanecia-me como a água vã", em vez de se concentrar e recolher no Amor único, derramava-se e desvanecia-se por uma multidão de afeições criminosas. E durante todo esse tempo, declara, "ó meu Deus, Vós vos conserváveis silencioso!" A perda da fé coincide sempre com o despertar dos sentidos. Este é um momento crítico, em que a natureza, com os seus instintos, absorve por completo todas as energias e a percepção das coisas espirituais fica eclipsada ou desaparece, na maior parte. É a carne, e não a razão, quem desvia de Deus o adolescente. A incredulidade tão-somente lhe fornece os motivos com que pretende justificar a nova vida pela qual enveredou.

Seu caráter resoluto fazia com que procurasse a notabilização nesse caminho do prazer, em que estava metido; de ser, como nos bancos escolares, o primeiro, excitando e arrastando os companheiros, que por sua vez o arrastavam. Entre eles se encontra Alípio, o amigo de toda a sua vida que, depois de haver compartilhado dos seus erros e culpas, o acompanhou na conversão e veio a ser Bispo de

Tagaste. Os dois futuros pastores de Cristo, nessa época, andavam vagueando em companhia de ovelhas perdidas.

Passavam a noite ao relento, nas praças, jogando ou devaneando, com o olhar nas taças de bebidas espirituosas, deitados em esteiras, com coroas de folhagem na cabeça, rosários de jasmins ao pescoço e uma rosa ou cravo na orelha. Não sabendo já como "matar o tempo", o bando alegre lembrou-se um dia de ir roubar a pereira do campo que lindava com uma vinha de Patrício. Os turbulentos sacudiram a árvore, trincaram as peras que caíram, e como as encontrassem muito medíocres, deitaram-nas aos animais. Ele viu neste roubo, feito apenas por divertimento, um ato de malícia satânica, bem assim, os muitos outros delitos que terá cometido, pelo puro prazer diabólico de infringir a lei.

É para admirar que Mônica não tivesse pensado em o casar, pois na África os homens contraem matrimônio desde muito jovens. É provável que Mônica estava a pensar que um casamento, nesta altura, comprometeria uma carreira que se prenunciava brilhante. Assim, a criança ia-se furtando à vigilância do gineceu ...

Entrementes, Patrício, embora muito tardiamente, inscrevera-se como catecúmeno, graças aos esforços de Mônica e, quiçá, por conveniência política. Mônica esperava ainda que Agostinho, como filósofo insigne, viesse a transformar-se em advogado de Cristo! ...

Contudo, graças aos esforços de Patrício e do opulento Romaniano, rico proprietário, os estudos de Agostinho avançavam... já agora na capital da província numidiana: Cartago. Para esta cidade Agostinho partiu sozinho, ávido de ciência, de glória e de prazer, com o coração agitado por um tropel de desejos sem objeto e por uma melancolia sem causa. E Cartago era-lhe completamente desconhecida... Mais tarde dirá: "Fui para Cartago. Por toda parte, em volta de mim, crepitava a chama ardente de amores impuros, em efervescência". O teatro, as termas, o Circo Máximo, as casas de lenocínio, o tráfico do porto, a variedade dos forasteiros, faziam de Cartago uma cidade cosmopolita e babilônica; sobretudo, um podredouro da juventude.

Esse grito de arrependimento, solto vinte anos depois, por Agostinho já convertido, não consegue abafar por completo o de admiração que lhe despertava a capital do seu país, manifestada a cada passo em seus escritos. Os donatistas, seus inimigos, chamavam-lhe "o controversista de Cartago".

Ir a Cartago, era para o tagastense o que é para o homem de hoje ir a Paris, por exemplo. Junto a Roma, Constantinopla, Antioquia e Alexandria, Cartago era uma das cinco grandes capitais do império e, além disto, a capital marítima de todo o Mediterrâneo Ocidental.

O estudante de Tagaste e Madaura foi ali polido e cultivado em forma acabada. Em Cartago, ele vivia completamente entregue a si

mesmo, sem ninguém para o aconselhar ou dirigir. Apesar disto, ele nos fala de Romaniano, seu patrício e protetor de seu pai e dos habitantes de Tagaste, como de amigo generoso que, além de o receber em casa, ao concluir, pobre, os estudos numa cidade estrangeira, o auxiliou também com sua bolsa e amizade. Tudo parece indicar, todavia, que Agostinho era, de fato, senhor de si em Cartago.

Que Agostinho se entregasse a uma vida apaixonada e sensual não há como negar, mas não se deve dar uma interpretação exagerada à sua linguagem matafórica. Ele simplesmente seguiu a corrente tartárea de seu tempo e de seus contemporâneos, sendo mais honesto do que eles.{(19), p.14}.

Foi em Cartago, mais do que em Madaura e em outras cidades númidas, que Agostinho se iniciou nos segredos da grandeza romana. Os romanos fascinavam o espírito dos povos vencidos com a ostentação da sua força e magnificência, pela exibição do colossal, apta a despertar a admiração, o que para eles era o essencial.

Era voz corrente que só Roma se lhe avantajava, sendo julgada "a esplêndida, augusta e sublime Cartago", segundo os elogios hiperbólicos que os autores africanos lhe faziam, com alguma pasmaceira ou exagero patriótico.

Se a "Roma Africana" deslumbrava o jovem provinciano de Tagaste, revelava-lhe, também, a virtude da ordem social e política.

Cartago, como metrópole da África Ocidental, alimentava um exército de funcionários, entre os quais estava repartida a administração, nos seus mais minuciosos pormenores. Primeiramente, eram os magistrados imperiais, representantes do poder central - o procônsul, uma espécie de vice-imperador, que estava rodeado por uma corte verdadeira, casa civil e militar, conselho privado, *officium*, que compreendia uma multidão de dignitários e agentes subalternos; depois, o Vigário da África, que tinha sob suas ordens os governadores das outras províncias da África, cujo *officium* era, talvez, mais numeroso do que o do procônsul; a seguir, vinham os magistrados municipais, que eram assistidos pelo conselho dos decuriões - o Senado de Cartago. Os membros do Senado de Cartago figuravam como personalidades notáveis, a quem os colegas de Roma dispensavam todas as atenções e os imperadores tratavam com deferência. À sua vigilância suprema estavam confiados todos os serviços urbanos: a inspeção das ruas e dos edifícios, a percepção das taxas municipais, a polícia, que compreendia até guardas do foro. Enfim, os serviços do Exército e da Marinha.

Cartago, como porto de ligação de uma grande frota frumentária, que transportava para Óstia o trigo africano, podia reduzir Roma à fome, quando lhe aprouvesse. O grão e o azeite da região vinham concentrar-se nas suas docas (22), verdadeiros armazéns de ano-

na (23), administrados por uma prefeito especial, que tinha às suas ordens uma grande hierarquia de escribas e inspetores.

A cidade de Cartago, tão bem administrada, era, simultaneamente, escola excelente para um jovem que, no futuro haveria de acumular as funções de Bispo, juiz e administrador. O benefício da ordem, que se convencionou chamar *paz romana*, maravilhava-o tanto mais, quanto é certo ser ele oriundo de uma região turbulenta, amiúde convulsionada pelas agitações das seitas religiosas e pelas pilhagens dos nômades, cujo país limitava-se com regiões do deserto de Saara, onde a ação do poder central se exercia com maior dificuldade do que em Cartago e nas cidades marítimas. Para apreciar devidamente os grandes benefícios de uma boa administração, não há como viver em países em que tudo está entregue à força e ao capricho. Eis a razão por que até os bárbaros aproximados da civilização romana se sentiam tomados de admiração perante a ordem esplêndida que ela estabelecia por toda parte, não ficando menos maravilhados diante da ubiqüidade que viam do império. Todos, qualquer que fosse a raça ou pátria a que pertencessem, sentiam orgulho em se dizerem cidadãos de Roma, porque podiam considerar-se como na própria pátria, em todas as regiões submetidas do domínio do império. A compreensão plena desse orgulho é atualmente muito pouco compreendido, talvez pela divisão em pequeninas nacionalidades ou por um patriotismo acanhado. No mundo antigo, esse sentimento de admiração era enorme. Cartago, onde o prestígio do império brilhava com todo esplendor, não deixou por certo de o desenvolver no espírito de Agostinho. Bastava-lhe olhar à sua volta para ver homens de todos os países e raças como que associados ao império, colaborando à uma na grandeza de Roma, para poder apreciar o valor do privilégio que ela conferia aos seus cidadãos. Se o procônsul, que residia, então, no palácio de Birsa, o célebre Símaco, pertencia a uma distinguida família italiana; já o imperador Valentiniano, a quem ele representava, descendia de um soldado da Panônia (24). Se o conde Teodósio, general que reprimia na Mauritânia (25) a insurreição de Firmo, era espanhol, o exército que ele comandava na África, era formado dominantemente por gauleses. Mais tarde, no reinado de Arcádio, será Rufino, gaulês também, quem dominará todo o Oriente.

Um espírito refletido, como o de Agostinho, não podia permanecer indiferente diante desse espetáculo do mundo, que Roma apresentava à ambição dos homens de talento. A sua alma de poeta, sempre pronta para o entusiasmo, sentiu vibrações de impressão imorredoura quando, pela primeira vez, viu surgir diante dos olhos a visão das águias, erguidas no alto da Acrópole de Cartago. Habituado desde agora aos grandes horizontes e a prescindir dos preconceitos de raça e da mesquinhez do espírito local, mais tarde, quando já

cristão, não se confinará, como os donatistas, nos limites da Igreja Africana: sonhará com igualar o império terrestre de Jesus Cristo ao de César.

Note-se, todavia, que na retaguarda da unidade romana, da fachada imponente que ela apresentava de um extremo a outro do Mediterrâneo, subsistia, especialmente na África, a diversidade de povos e costumes, tradições e religião. Em particular, a população de Cartago era espantosamente heterogênea, uma verdadeira Babel de raças e costumes, crenças e idéias. Agostinho, que por natureza era místico (26) e dialético (27), apaixonado pelas grandes discussões, encontrava ali um resumo vivo das várias religiões e filosofias do seu tempo.

Destarte, estes anos de estudo e recolhimento serviram-lhe para armazenar grande tesouro de ciência e observações que no futuro soube utilizar com incrível maestria.

Em meio a tantos que andavam a pregar o seu credo, de devotos que aplaudiam o seu deus e de teólogos que se injuriavam e anatematizavam mutuamente, surgiu Agostinho a pretender, no ceticismo superficial dos seus dezoito anos, libertar-se das crenças em que sua mãe o educara. Bom orador e dialético hábil, tinha pressa de emancipar-se e conquistar a liberdade de pensamento e ação! Queria gozar a juventude. Com semelhantes qualidades, e nas disposições que o animavam, só lhe restava escolher entre todas as doutrinas que pululavam a mancheias no mundo africano, aquela que melhor condissesse com as qualidades do seu espírito e mais lhe lisonjeasse as suas pretensões intelectuais, deixando rédeas livres a seus instintos.

Por maiores que fossem as distrações da grande cidade, Agostinho sabia muito bem que o não tinham enviado para ali como um turista, para se divertir ou filosofar. Pobre como era, via-se obrigado a assegurar o futuro, procurando meios de subsistência para si e para a família, que atravessava uma situação difícil, e que ele reconhecia ter feito sacrifícios enormes para o formar. Logo, Agostinho havia de ser, necessariamente, um estudante-trabalhador.

A facilidade extraordinária de que era dotado para os estudos fez com que se distinguisse imediatamente entre os companheiros. Na aula - é ele próprio quem no-lo diz - não era apenas um dos primeiros, mas o *major*, o único que em tudo se sobressaía. A retórica, extremamente complicada naquela época, abrangia todos os ramos do ensino, estendendo-se até às ciências e à filosofia. Agostinho preza-se de haver estudado tudo o que então era ensinado nas escolas: a retórica, a dialética, a geometria, a música e a matemática.

Terminado o ciclo escolar, esperava formar-se em direito e, graças à facilidade de palavra que possuía, dedicar-se à advocacia,

pois, para um jovem de qualidade como as dele, era o caminho mais rápido e seguro para as riquezas e as honras.

Deploravelmente, porém, a morte do pai, que ocorreu imediatamente após a chegada de Agostinho a Cartago, fê-lo hesitar sobre o futuro, visto como haveria de prosseguir os estudos sem o auxílio pecuniário do pai? Entretanto, Mônica, obstinando-se nos projetos ambiciosos que tinha sobre o filho, venceu todas as dificuldades e manteve a mensalidade costumeira.

Com certeza solicitado por ela, Romaniano, o mecenas de Tagaste, veio uma vez mais em auxílio do estudante desventurado que, já tranqüilizado sobre o seu futuro, retomou, com o coração desanuviado, a vida a um só tempo estudiosa e dissipada. Entrementes, Mônica debatia-se com os credores do marido.

Havia em Cartago um grupo de jovens indisciplinados, auto-apelidados de "*Demolidores*", cuja delícia consistia em fazer banzé (28) nas aulas, invadir as salas e escavacar (29) tudo o que encontrassem, ou então, em tirar o pêlo aos calouros, escarnecer da sua ingenuidade e pregar-lhes toda sorte de partidas. Deploravelmente, ainda hoje ocorrem essas barbaridades, apoiadas por adultos malformados, apesar das aparências ...

Por esse tempo, sua fé estava tão morta que se servia das igrejas para suas entrevistas amorosas: "Ó meu Deus! Pois eu não ousei conceber, dentro dos muros do vosso santuário e no meio da multidão que estava celebrando as vossas festas, desejos criminosos e planos de uma intriga que me proporcionava frutos de morte!". Todavia, apoderava-se dele a nostalgia das almas predestinadas, começando a entrever, de um modo confuso, que os amores humanos eram indignos da sua pessoa e que, se na verdade tinha necessidade de um senhor, não era menos certo que nascera para servir outro Senhor. Então despertava nele o desejo de abandonar os sentimentos rasteiros da terra, de fugir, enfim, dos miseráveis tugúrios (30) em que, por algum tempo, deixara entrar o coração, de incendiar tudo por onde fosse passando, para não cair na covardia de retroceder, e colocar a sua tenda mais longe, mais alto, no pico de alguma montanha inacessível, onde, se o ar enregela, o coração só encontra diante de si a plenitude da luz e a amplidão do espaço ...

Além disto, o instinto profundo de beleza que possuía, espécie de contrapeso ao seu exuberante sentimentalismo de amor, bastava para detê-lo no caminho da desordem. A uma inteligência tão enamorada da ordem e da claridade, repugnava a anarquia e a perturbação das paixões.

Mas o filho de Mônica e Patrício era também dotado de maravilhoso bom senso, herança paterna. Ele o devia libertar da sedução e escravização da vida louca e aventurosa de seus amigos. Ademais,

fora educado na disciplina frugal e austera da província e as funções de advogado e professor, às quais aspirava, obrigavam-no, de antemão, à observância de um certo decoro na sua pessoa. Pretendeu, sempre, passar por homem elegante e urbano. Urbanidade de palavras e de maneiras; elegância discreta e de bom-tom. Eis o ideal do futuro professor de retórica.

A preocupação com o seu futuro e as desilusões por que passou, não demoraram a torná-lo circunspecto e sisudo, além de afastá-lo dos divertimentos, a que durante algum tempo se entregou, para, então, consagrar-se ao estudo e à reflexão. O culto que o jovem retórico, como todos os seus contemporâneos, professava à arte de bem falar era tão grande, que a não deixou de cultivar até o último alento. Servia-se das palavras como um artista que conhece todo o seu valor e recursos. Mesmo após a conversão, se estigmatiza a literatura, envenenadora das almas, absolve todavia a beleza da linguagem. Diz ele: "Não acuso as palavras, que nada mais são do que vasos escolhidos e preciosos, mas, sim, o licor do erro, que a loucura de certos doutores nos serve em taças esplêndidas".

Na aula, declamava tão deliciosamente, que era aplaudido por todos e apresentado como exemplo pelos professores.

Esses triunfos escolares pressagiavam-lhe outros, bem mais ilustres e retumbantes. Deste modo, a vaidade literária e a ambição iam combatendo a ilusão de amor, que se conservava sempre viva no seu coração.

Um acaso providencial fez-lhe cair nas mãos o *Hortênsio* de Cícero. Ainda estudante, Agostinho contava agora com dezenove anos. De acordo com a ordem estabelecida nas escolas, tocava-lhe a vez de ler e explicar esse diálogo filosófico. Não foi, pois, a curiosidade, mas sim, a consciência de bom estudante, que o levou a tomar esse livro, por ser um dos que figuravam no programa. Leu-o certamente com tranqüila indiferença, quando de repente, uma grande claridade veio iluminar as suas páginas. O coração bateu-lhe forte e sua alma sentiu-se arrastada pelas suas frases, repassadas de um sentido deslumbrante e revelador. Ao despertar de letargo tão prolongado, iluminava-lhe o rosto uma visão maravilhosa.

Uma vez que esse diálogo se perdeu, mal podemos, em nossa época, compreender as razões de semelhante entusiasmo, visto como o orador romano é considerado filósofo medíocre. Contudo, pelo próprio Agostinho sabemos que o livro continha um elogio eloqüente à sabedoria. Além disso, que valem as palavras sem a alma do leitor? Ora, tudo o que caía na de Agostinho, despertava nela um eco magnífico e prolongado.

Uma espécie de agradecimento piedoso e fiel fez com que Agostinho nos conservasse algumas frases desse diálogo, mormente

a passagem em que o autor, depois de longa discussão, conclui nestes termos: "Se, como pretendem os filósofos antigos - que são também os maiores e mais ilustres - temos uma alma imortal e divina, é justo pensar que, quanto mais fielmente ela se conservar no caminho, isto é, na razão, no amor do estudo e da verdade, quanto menos se meter e deixar manchar pelos erros e pelas paixões humanas, tanto mais facilmente se elevará e remontará ao céu ...".

Frases semelhantes, lidas com certa disposição de espírito, deviam sacudir este jovem, que não tardaria a sentir dentro de si a nostalgia do claustro e que viria a ser um dia o fundador do monaquismo africano. Consagrar a vida inteira ao estudo da sabedoria, passar o tempo na contemplação de Deus, viver na terra uma vida quase divina, eis o ideal entrevisto por ele, de repente, durante a leitura de *Hortênsio*, impossível para a sabedoria pagã, mas que Agostinho era chamado a realizar, em nome de Cristo. E este ideal afigurava-se-lhe tão belo, tão digno do sacrifício de quanto amava, que, à sua vista, tudo o mais lhe parecia sem valor. Por isso, já desprezava a retórica e os estudos a que ela o obrigava, com as honras e glórias que lhe prometia. Que era tudo isso, comparado com a sabedoria?! Por seu amor estava pronto a renunciar ao mundo ...

Mas se é verdade que entusiasmos de tanta heroicidade dificilmente se podem sustentar em naturezas tão volúveis e impressionáveis como a de Agostinho, contudo não deixam de ter a sua utilidade. Dão-nos uma revelação confusa do futuro; entrevemos, de longe, o porto em que atracaremos um dia; vemos as obrigações que temos a cumprir e a obra que temos de realizar, apresentando-se tudo isto, aos nossos olhos, como que num êxtase de todo o nosso ser. À sua lembrança, já não se pode ter uma vida semelhante à dos outros.

Não obstante tudo isto,o próprio Agostinho nos diz que o seu entusiasmo por *Hortênsio* não tardou a esfriar, por não encontrar em suas páginas o nome de Cristo. Provavelmente ilude-se. Por esse tempo ele ainda não era um autêntico cristão. Cedeu à tentação de escrever uma frase de efeito. Nem é para admirar, porque, quando escreveu as *Confissões*, não havia perdido ainda, por completo, esse costume.

A realidade verossímil era esta: sentindo a insuficiência da filosofia pagã, voltou-se um momento para o cristianismo. Apesar de reincidir nos erros antigos, ele viu o primeiro sinal e, como que, a promessa de conversão: "Ó meu Deus, já então eu me tinha levantado, para me voltar para Vós". Começou a estudar a Escritura, com veleidade mais ou menos séria de se instruir. Mas recorrer à *Bíblia* depois de se ter enamorado de Cícero, era enveredar pelo caminho do estudante. Agostinho perdeu-se. Aquele estilo popular, direto, que apenas atende à idéia, sem se preocupar com a forma, não devia

atrair o discípulo dos retóricos cartagineses, nem o imitador das harmonias ciceronianas. A sua pouca sinceridade e humildade foi castigada com a falta de compreensão da Escritura; diz ele: "Encontrei um livro que é impenetrável ao orgulhoso e que se não revela completamente aos humildes; um livro cujo limiar é baixo, mas que vai crescendo à medida que se avança na sua leitura, até mergulhar as suas culminâncias nas sombras do mistério. Eu não era ainda homem capaz de baixar a cabeça para entrar! ...".

Logo depois, Agostinho cai no desalento. Deu as costas à *Bíblia*, como fizera a *Hortênsio*, e procurou entendimento em outra parte. Todavia, o seu espírito recebera o primeiro abalo e não voltará a saber o que é descanso, enquanto não encontrar a verdade.

Onde a foi procurar? Em todas as seitas e igrejas. Somente quando desesperou-se de a encontrar é que se lançou nos braços do *maniqueísmo*, como *ouvinte*, do que nunca passou.

Muitos foram levados ao espanto ao verem um espírito naturalmente reto e positivo abraçar uma doutrina tortuosa, obscura e portadora de fábulas grosseiramente absurdas. Mas devemos observar que no maniqueísmo havia de tudo e seus chefes não manifestavam, logo ao princípio, a seus catecúmenos, todo o corpo de doutrina que professavam. A iniciação completa era feita progressivamente. Seguindo a tendência dos heresiarcas e livre-pensadores, de todos os tempos e denominações, de confudirem os domínios da fé e da ciência, os maniqueus começavam por se apresentar como racionalistas, para, assim, atraírem à seita muitos homens cultos. Não se faz o mesmo hodiernamente?

Os maniqueus, mergulhados no erro, apregoavam a gritos e em todo lugar: Verdade! Verdade! Era como se dela tivessem o monopólio e dela fossem os depositários. Ora, Agostinho que só por ela ansiava, corria a ouvir a palavra desses charlatães, impaciente por poder, enfim, receber a verdade anunciada com tanto espavento e que estaria encerrada numa coleção de livros volumosos, escritos pelo profeta da seita sob a inspiração do Espírito Santo, isto tudo segundo diziam. Deslumbravam as multidões ao tirar de suas bibliotecas os volumes mais monumentais e importantes, luxuosamente encadernados em velino (31) e adornados com iluminuras brilhantes. Ao vê-los, ninguém duvidava que a revelação integral estivesse encerrada em tão esplêndidos volumes; todos se sentiam tomados de grande respeito por uma religião que apresentava em seu favor o testemunho magnífico de um tal montão de escrituras.

Acontece que os seus sacerdotes não as abriam. Limitavam-se apenas a enganar a paciência do auditório com a crítica dos livros e dogmas do catolicismo, primeiro passo que davam no ensino. Procuravam destruir certos pontos do *Evangelho* à força de silogismos.

Assim, não é para admirar que semelhantes exercícios de lógica tivessem seduzido Agostinho. Com aquela extraordinária sutileza de dialética, que lhe era peculiar, não tardou em se tornar abalizado nela, indo além de seus mestres. Usava da palavra nas reuniões e, tomando à sua conta um texto, refutava-o com ares peremptórios, reduzindo ao silêncio os adversários. Seguiam-se os aplausos e louvores com que era cumulado. Não podia deixar de ser verdadeira a religião que lhe aportava tão grandes triunfos!

Quando Bispo, Agostinho pretende dar-nos as razões do seu maniqueísmo, encontrando tão-somente estas duas: "A primeira foi certa amizade que lançou raízes no meu coração debaixo da aparência de bondade e que constituiu, para mim, uma corda lançada ao pescoço ... A segunda eram estas vitórias funestas, que eu quase sempre alcançava nas disputas."

Mas há outra razão, quiçá de maior importância, que ele próprio deixou consignada em outro lugar: o relaxamento dos costumes autorizado pelo maniqueísmo.De fato, a sua doutrina professava não sermos responsáveis pelo mal que se opera em nós. O vício e o pecado são obras do demônio, deus das trevas, em hostilidade aberta com o Senhor da Luz. Ora, quando Agostinho se inscreveu como "ouvinte" dos maniqueus, sentia necessidade particular de desculpar o seu proceder com moral tão indulgente e cômoda.

Nesse época Agostinho ligou-se àquela que ia ser a mãe de seu filho, Adeodato. Lídia?

Em 374 AD, aos vinte anos de idade, Agostinho concluiu os estudos de retórica. Estava dentro das normas daquele tempo, as quais consideravam fruto peco (32), que devia ser relegado para o seio da família, todo jovem que, nessa idade, não tivesse saído dos bancos escolares.

Acompanhando a metáfora de Apuleio, de Madaura, escritor muito conhecido de Agostinho, como compatriota, pode-se dizer que a *educação clássica* consistia em receber três taças: "A primeira taça, servida pelo mestre, *litterator*, começa a polir a rudeza de nosso espírito. A segunda, servida pelo *grammaticus*, adorna-nos de conhecimentos vários. Enfim, vem o retor (33) (*rhetor*), que põe em nossas mãos a espada da eloqüência". {(19), p. 12}.

É para admirar que um estudante de tantos recursos intelectuais como Agostinho não houvesse concluído o curso mais cedo. Entretanto, convém notar que, além do ano quase completo que perdera em Tagaste, depois da estância em Madaura, o encanto que encontrava na vida cartaginesa, não devia, possivelmente, excitá-lo muito a apressar o término dos estudos. De qualquer forma, chegara o momento de escolher, em definitivo, a carreira que havia de seguir. O desejo dos pais, o conselho dos professores e, até, a sua ambição e

aptidões faziam-no inclinar-se para o foro. Que irá fazer? {Até aqui, fundamentado em (15), p.3-74}.

2.5 A ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Agostinho abriu uma escola em Tagaste, no outono de 373 e nela exerceu o magistério {(6), p. 108 do encarte; (32), p. 23}.

No outono de 374, transferiu-se para Cartago, a fim de ocupar o cargo de professor da cátedra municipal de retórica, como impunha a legislação dos imperadores romanos a todas as cidades, função que exerceu até 383 {(6), p. 108 do encarte; (32), p. 23}.

Em Cartago começou a construir uma reputação sólida como professor de eloqüência {(19), p. 17}. Que foi um mestre excelente, depreende-se da calorosa afeição que lhe testemunham os discípulos, como o retórico, e fracamente filósofo, Favônio Eulógio, que, também, viria ocupar a referida cátedra; mas, sobretudo, seu conterrâneo Alípio, que, de aluno, tornou-se seu mais íntimo amigo, companheiro de conversão e de vida religiosa, mais tarde, também colega de episcopado. {(32), p. 21}.

Simultaneamente, Agostinho prosseguiu os seus estudos filosóficos e literários, ganhou uma coroa de ouro num certame teatral e escreveu *De pulchro et apto*, um ensaio de Estética. Ainda, leu e compreendeu de pronto o livro das categorias de Aristóteles, afeiçoando-se, também, à chamada astrologia judiciária. Às vezes disputava com católicos, lisonjeando-se de os vencer com o seu palavrório. O enriquecimento espiritual, conseguido com a cultura, longe de consolidar, foi minando as bases do sistema dualista do maniqueísmo.

Após entrevista com o Doutor Fausto, mago do dualismo, que trouxe uma grande desilusão para o ouvinte de Mani (34), reforçada pelo desencanto que teve, naquele tempo, com a pretendida santidade dos "eleitos", o grupo aristocrático da seita. Com isto, Agostinho tornou-se mais crítico e analista das doutrinas humanas. Durante nove anos tinha-se abrigado numa morada de verdade, que acreditava segura, e, agora, a casa caía-lhe em cima, com fragor. Não seria melhor viver à intempérie, erguendo uma tenda provisória na planície deserta da dúvida universal? Esta foi a primeira decorrência do fracasso do maniqueísmo. Agostinho conheceu essa atribulação e patíbulo do espírito que se chama ceticismo ou dúvida universal. A propósito, disse ele: "Veio-me, à mente, o pensamento de que os filósofos, chamados *acadêmicos*, tinham sido mais avisados do que os outros ao sustentar que se devia duvidar de tudo, chegando à conclusão de que o homem não é capaz de nenhuma verdade" {(8). p. 123}.

Não se pode precisar o tempo em que militou na escola acadêmica, mas o grande gênio não pôde suportar por muito tempo o pesadume (35) moral de um mundo fechado a toda esperança. Desgostoso com os estudantes de Cartago, por demasiado camorristas (36), pelo fato de a maior parte dos alunos fazer os cursos tão-somente para cumprir obrigações familiares e sociais, não se interessando muito pelas aulas e na esperança de encontrar alunos mais tranqüilos, maiores lucros e consideração, como afirmavam seus amigos {(6), p. 108-109}, mudou-se para Roma no ano de 383, enganando sua mãe na hora da partida, ela que temia por seu futuro e tudo fez para impedir esta sua viagem.

Em Roma, Agostinho teve uma surpresa, pois os estudantes dali, conquanto educados, eram ladrões. Quando chegava a hora de pagar o professor, no final dos cursos, desertavam em massa, passando para outras aulas. {(19), p. 17-19}.

Em 384, "depois que dirigiram de Milão um pedido, ao Prefeito de Roma, para que aquela cidade fosse provida de um professor de retórica, a quem se concederia licença para viajar na diligência do Estado, eu próprio, diz Agostinho, solicitei esse emprego, por intermédio de amigos, embriagados estes pelas vaidades dos maniqueístas. Era para me separar deles, mas tanto eles como eu o ignorávamos. Propôs-me Símaco (37), então Prefeito de Roma, um tema para discursar e, sendo aprovado, enviou-me". {(8), p. 127}.

Em Milão, Agostinho avista-se com o Bispo Ambrósio, (38) figura de máximo relevo por sua influência na corte imperial e no povo (...). Sua fama de orador reunia em torno de si um público numeroso e, misturado com ele, o novo professor de retórica, Agostinho. O Bispo católico ajudou-o a resolver as antinomias do Antigo e Novo Testamento, realizadas pelos maniqueus, e, assim, começou a luzir a face única dos Livros Santos: *una facies eloquiorum castorum*". "A oratória ambrosiana era animada por uma eterna melodia do nome de Cristo, solução de todos os antagonismos. Dizia o Santo Bispo: Todas as coisas temos em Cristo e todas elas nos é Cristo. Se desejas curar-te de teus males, é médico; se do ardor da febre, é fonte. Se queres livrar-te de teus pecados, é justiça; se tens necessidade de ajuda, é fortaleza; se te amedronta a morte, é vida; se queres ir ao céu, é caminho; se queres evitar as trevas, é luz; se padeces fome, é alimento" {De Virginitate, XVI, 99 PL 16, 305; *apud* (19), p. 19-20}. Em Milão, à época residência imperial, do Império Romano do Ocidente, - onde Agostinho freqüentava as antecâmaras dos ministérios, meio mais fácil de "subir na vida", esperando, por esta forma, obter algum posto de governador de província {(32), p. 22} - foi Agostinho ocupante do cargo de professor de retórica e orador oficial. Ali, afastou-se da mulher (Lídia?) à qual estivera unido por quinze anos, pois a legitimação

do casamento estava impedida por lei, visto ser Agostinho, juridicamente, um *honestiore*, vale dizer, uma pessoa de categoria superior, às quais se proibia contrair matrimônio com pessoas dos baixos estratos sociais. Ela, que era cristã e mãe de seu filho, Adeodato, com votos de jamais conhecer outro homem, retornou a Cartago.

Mânlio Teodoro deu a Agostinho certos livros de uma filosofia em voga para iluminados, chamada *neoplatonismo*, visto inspirar-se nas idéias de Platão. Agostinho leu na ocasião uma parte, na tradução do retor Mário Vitorino; mais tarde chegou a conhecer toda a obra. Foi uma descoberta entusiasmante. Essa doutrina de Plotino contactava, às vezes, com a concepção cristã de Deus: a sua natureza espiritual, a geração do Verbo, o ritmo trinitário, a alma humana iluminada por uma luz divina. Porém, nada dizia sobre a encarnação do Verbo e sobre o seu racionalismo idealista! O pouco de verdade que o neoplatonismo continha bastou para impulsionar interiormente Agostinho para Deus e seu Verbo. {(24), p. 70; (6), p. 109 do encarte}.

Agostinho converte-se em Milão, afasta-se do magistério e é batizado pelo grande Bispo Ambrósio, em conjunto com seu filho Adeodato e com Alípio, seu ex-aluno e amigo fiel.

Tenho assumido a cátedra de Milão em 384, dela se demite em 386. No total, exerceu o magistério de 373 a 386, vale dizer, durante treze anos.

2.6 A CONVERSÃO E O BATISMO

De estatura mediana, de temperamento delicado e nervoso, podia-se predizer que Agostinho teria a visão límpida e vôo altíssimo da águia; nenhuma luz o deslumbraria, nenhum cimo o haveria de atemorizar {(16), p. 36}. Estivera doente em Tagaste e Roma, para não mencionar a fraqueza do peito em Milão. Fora curado, máxime da primeira vez, em circunstâncias excepcionais, talvez até milagrosas. Passara pelo maniqueísmo, militara na escola acadêmica e sofrera o abalo provocado pelo neoplatonismo plotiniano. Tinha-se afastado doridamente da mãe de Adeodato, seu filho, à qual estivera ligado por cerca de quinze anos, isso às instâncias de Mônica. Foi um verdadeiro drama, causou-lhe sofrimento indizível, é natural, mas ambos fizeram o sacrifício generosamente, malgrado alguns deslizes por parte de Agostinho. Por força de lei, Agostinho deveria aguardar dois anos para poder casar-se com a mulher aprovada por sua mãe e que escolhera. Esse tempo era muito longo para quem, como ele, sentia o avassalador apelo da sensualidade. Então, liga-se a uma concubina.

Todavia, um Bispo havia dito a Mônica, que orava e chorava sem cessar pela conversão de seu filho extremado, Agostinho: "*Ide. Não se pode perder o filho de tantas lágrimas!* ...", o que foi motivo de

consolo para a desolada mãe, que reconheceu, no "*Filius lacrimarum*", a voz de Deus, que lhe chegava pela boca daquele Bispo.

A solução para todos os problemas de Agostinho viria com a visita e a freqüência aos sermões de Santo Ambrósio, ao qual se havia afeiçoado, pois a gentileza e a benevolência com que fora acolhido conquistaram-no. Nos sermões ambrosianos, Agostinho enleva-se, a princípio, pela forma da palavra. Não cuidava da substância, desdenhava-a. Só lhe importava a arte de falar. Depois, entregou-se, com prazer infinito, àquela palavra doce, elegante, sublime que, como espada afiada, lhe penetrou o âmago do coração, sem que ele a temesse, pois, julgava-a incapaz de operar uma transformação na sua conduta.

Nas prédicas de Ambrósio, Agostinho começou a apreciar a religião cristã. Acabaram por ruir os preconceitos falsos a seu respeito. Sentia-se atraído. Não obstante, flutuando de um lado para outro, nunca se resolvia a abraçá-la com decisão. Travava uma grave luta contra si mesmo. Tratava-se de decidir entre uma existência mundana e o mundo divino; entre a vida e a morte. Mas as paixões ainda o dominavam ...

Agostinho, depois de tantas manifestações de orgulho, fruto dos descaminhos, agora se humilhara, afastara o obstáculo à sua conversão e poderia tornar-se cristão autêntico, mas faltava-lhe coragem para vencer as paixões. Esforçava-se por superá-las, mas o desânimo o vencia. O temor de não perseverar, no bom e salutar caminho, o assaltava.

Nessa época, Agostinho tomou conhecimento da conversão de Vitorino, contada em entrevista com Simpliciano, a quem Santo Ambrósio amava verdadeiramente como pai e ao qual o havia encaminhado. Vitorino era antigo professor de retórica em Roma e morrera cristão. Depois de felicitar Agostinho por haver lido as obras do neoplatonismo plotiniano e de não haver caído nas mãos de outros filósofos, plenos de falácias e erros, segundo os elementos deste mundo, exortou Agostinho à humildade de Cristo, oculta aos sábios e revelada aos pequeninos, e recordou-lhe o *exemplo de Vitorino*. Este, já avançado em anos, doutíssimo e peritíssimo em todas as doutrinas liberais, conhecedor e crítico de tantas obras de filósofos, mestre de tantos nobres senadores, que havia merecido e aceito uma estátua no foro romano em memória do seu preclaro magistério - coisa de suma ambição para os cidadãos deste mundo -, reverenciador, até aquela idade, dos ídolos e partícipe dos mistérios e cerimônias profanas, que praticava, com fervor, quase toda a nobreza romana, sem envergonhar-se de ser servo de Cristo e párvulo (39) de sua fonte, submeteu-se ao jugo da humildade e sua fronte ao opróbrio da cruz.

Segundo a narração de Simpliciano. Vitorino lia a *Sagrada*

Escritura, com cuidado extremo, e estudava os livros cristãos, sempre longe do público, em segredo e familiarmente. Dizia a Simpliciano: "Faço-te saber que já sou cristão" e este lhe respondia: "Não te crerei nem te contarei entre os cristãos até que te veja na Igreja de Cristo". Vitorino, temendo ofender os amigos, soberbos adoradores de ídolos, e, assim, concitar contra si graves inimizades dos que estão repousando sobre sua dignidade babilônica, os quais eram como cedros do Líbano, ainda não achados pelo Senhor, postergou a recepção do Sacramento do Batismo. Porém, depois que, lendo e orando ardentemente, encheu-se de fortaleza, temeu ser negado por Cristo diante dos anjos, se recusasse confessá-lo diante dos homens, e pareceu-lhe falta grave envergonhar-se dos sacramentos da humildade do Verbo de Deus, visto que anteriormente não teve vergonha dos sacrifícios sacrílegos, dos quais havia participado como imitador soberbo, indignou-se da vaidade e envergonhou-se ante a verdade. Repentina e inopinadamente disse a Simpliciano: "*Vamos à Igreja. Quero fazer-me cristão.*" Simpliciano, extravasando alegria, foi com ele. Não muito tempo depois de instruir-se nos salutaríssimos mistérios da fé, Vitorino deu seu nome para ser regenerado pelo Sacramento do Batismo, com a admiração de Roma e alegria da Igreja. Os soberbos viram e encolerizaram-se, rangiam os dentes e consumiam-se. Porém, Vitorino, Vosso servo, colocou sua esperança no Senhor Deus e não se incomodou com as vaidades e juízos loucos dos homens.

Finalmente, quando chegou a hora de fazer a profissão de fé - que em Roma costumavam fazer em um lugar elevado, diante de todo o povo fiel, com certa fórmula sabida e recitada de memória - disse Simpliciano que os Sacerdotes autorizaram Vitorino a fazê-la secretamente, como costumava-se autorizar aos que, por sua vergonha, pudessem fraquejar. Vitorino, porém, preferiu confessar diante de todo o povo santo sua fé salvadora. Dizia que na retórica, que ensinava, não havia salvação alguma e, no entanto, a havia professado publicamente. Não devia, pois, envergonhar-se da grei fiel ao pronunciar a profissão de fé, como não temera pronunciar palavras suas a turbas de insensatos.

Assim, ao subir para fazer a dita profissão, os assistentes, que o conheciam, entre murmúrios, repetiram-se uns aos outros seu nome, com manifestas demonstrações de congratulações. E quem havia ali que o não conhecesse? E da boca de todos, participantes da alegria comum, brotou um sussurro de exclamação: "*Vitorino, Vitorino!*" De repente, prorromperam em júbilo, ao vê-lo, e logo calaram impulsionados pelo desejo de ouví-lo. Vitorino proclamou sua fé verdadeira com admirável retidão e todos o queriam arrebatar e colocá-lo no coração. Em verdade, arrebataram-no, amando e gozando com ele.

Este fato e a leitura da biografia de Santo Antão (Antônio), abade (40), causaram-lhe forte impressão e abriram os olhos do hesitante e desalentado Agostinho.

Essas narrativas tiveram o condão de perturbá-lo. Transtornado por pensamentos copiosos, envergonhado, levantou-se subitamente, pegou o amigo Alípio pelo braço e, fixando-o de frente, exclamou em tom ardente e arrebatado: "Que fazemos? Não percebes? Surgem ignorantes e nos roubam o Céu; e nós, com toda a nossa ciência, nos revolvemos no sangue e na carne!" Alípio fixa-o estupefato; não o compreende. Agostinho, sem esperar resposta, desce para o horto: sente necessidade de isolar-se, de chorar, de acalmar o turbilhão de suas paixões internas. Alípio segue-o de longe.

Agostinho entra em luta consigo mesmo, joga-se no chão, por baixo de uma figueira, e aí tem início a agonia do homem velho. Chora amargamente e, entre soluços e debaixo da pressão da graça, exclama: "Até quando, Senhor, até quando ficarás irado contra mim?" Voltando-se para seus pecados, com gesto desesperado, insiste: "Até quando, até quando? Talvez amanhã? Por que não agora? Por que não acabar de súbito, já e para sempre com as minhas torpezas?" Enquanto chorava e lutava com a própria fraqueza, naquele dia de agosto de 386, quando a palavra do Apóstolo Paulo lhe foi revelada, no jardim de sua casa, pelo canto infantil, vindo da casa vizinha e repetido diversas vezes: "*Tolle et lege; tolle et lege*" (41). Impressionado, Agostinho suspendeu por um instante a luta, tentando descobrir o que poderia ser; uma cantiga, um jogo de meninos? ... Ainda não tinha ouvido coisa semelhante. Compreende a transcendência da ordem. Pára de chorar, corre para Alípio, pega as Epístolas de São Paulo, abre-as ao acaso e, com os olhos ainda marejados de lágrimas, lê estas palavras do Apóstolo: "*Non in comessationibus et ebrietatibus, non in cubilibus et impudicitiis, non in contentione et aemulatione; sed induite Dominum Jesum Christum et carnis providentiam ne feceritis in concupiscentiis*" {(9), p. 7}. Quer dizer: "Não caminheis em glutonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesum Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites" (Rom13, 13).

Nada mais precisou ler, pois aquele versículo era-lhe tão providencialmente adequado, que para ele bastou. A luta interior cessou. Agora, transformado, tinha a alma inundada por uma paz incomensurável, a pervagar-lhe inteiramente, dando-lhe um consolo e segurança inexcedíveis, só devidamente avaliável pelos que foram objeto de experiência similar. Agostinho vencera! Narrou a Alípio o que experimentara e, ambos, pressurosos, correm para anunciar a Mônica essa boa nova. Agostinho atira-se aos seus braços. Mãe e filho apertam-se num abraço mudo e, ao mesmo tempo, insuperavelmente eloqüen-

te, devolvedor do filho à mãe e desejado com ansiedade e confiança por tanto tempo. Mônica chora mais uma vez; mas, agora, verte lágrimas de gáudio e de triunfo, recordando-o: "Aí onde estou, tu estarás!" Cantou, com aquele amor dos que possuem fé autêntica, verdadeira, um hino de ação de graças a Deus.

A nova estrada por onde Agostinho enveredara, que era a de sua mãe, se apresentava estreita, porém segura e luminosa. Para nela adentrar, Agostinho concluiu ser preciso desviar-se totalmente da outra, formada pelas comodidades mundanas e sensualidades pecaminosas. Por primeiro, deveria desfazer-se do cargo de professor, o que foi facilitado pela proximidade das férias das vindimas; demitiu-se. Após isto, partiu para a vila de Cassicíaco, propriedade de seu amigo Verecundo, onde descansaria das "angústias do século", juntamente com a mãe, o filho e alguns amigos, entre os quais Nebrídio e o fiel Alípio. Ali cada um atenderá às próprias necessidades. Agostinho é o chefe da família, o administrador dos bens anexos à casa de campo; Mônica é a dona da casa, ocupada com os afazeres domésticos e com a oração, como a mais simples das mães; os demais estudam sob a direção de Agostinho: versificam e disputam, com a participação de todos, inclusive Adeodato e Mônica, que revelam aí as suas potencialidades intelectuais.

Nessas atividades, acrescidas da meditação da *Bíblia* e da oração, passaram cerca de seis meses, em contato com a natureza virgem, que nos alegra e nos torna bons. Aí, Agostinho recebeu uma espécie de batismo antecipado, lavando a alma de toda mácula e torpeza, purificando o intelecto dos erros, que lhe estavam como que encarnados.

Chegada a ocasião em que convinha inscrever-se entre os catecúmenos, voltou com os seus para Milão, deixando o campo. Era março de 387. Acompanhavam-no nessa inscrição, Alípio, hábil domador do corpo, a ponto de caminhar descalço, com insólito arrojo, sobre o solo italiano regelado, e Adeodato, o filho carnal do seu pecado, que era dotado de grandes qualidades, pois com quinze anos incompletos já ultrapassava em talento a muitos homens idosos e doutos. Agostinho, no livro "*De Magistro*", isto é, "O Mestre", dialoga com ele, aos dezesseis anos de idade.

Recebido o batismo do Bispo Ambrósio, em 24 de abril de 387, saiu transfigurado e dissipou-se, nele, a preocupação da vida passada. Nesses primeiros dias pós-batismo, Agostinho não se saciava de considerar, com doçura inefável, a profundeza dos planos de Deus para a salvação da humanidade decaída. Quanto chorou, fortemente comovido, ao ouvir os hinos e cânticos que ressoavam maviosamente na Igreja de Deus! Essas vozes insinuavam-se em seus ouvidos, orvalhando de verdade o seu coração, fazendo-o arder em afetos

piedosos e lacrimejar fartamente; mas sentia-se indiscritivelmente consolado. {(6), p. 109-110 do encarte; (8), p. 206-221; (16), p. 36-61; (19), p. 89-92}.

2.7 MONGE, SACERDOTE E BISPO

Depois do batismo, Agostinho não teve outro desejo senão o de viver na solidão, unicamente com Deus e para Deus. Isto ele não poderia conseguir na rumorosa Milão. Pensou, pois, em regressar à cidade natal, Tagaste, onde fundaria um mosteiro. Esse retorno foi projetado em comum acordo com Mônica e companheiros. Assim, no fim de outubro de 387, deixaram Milão e encaminharam-se para Óstia, às margens do rio Tibre, onde esperavam encontrar uma embarcação, que os reconduzisse à pátria.

A viagem até Óstia, além de longa, foi cansativa. Mônica chegou ali extenuada, embora viajasse com alegria. Num êxtase, que antecipou a chegada a Óstia, ocorrido depois da comunhão, num impulso de reconhecimento, levantando a fisionomia alegre, com a alma arrebatada e mergulhada em grande paz, exclamou: *Voemos ao céu, fiéis, voemos ao céu!*

Todos ficaram tomados de espanto, e Agostinho com eles. Interrogaram-na, mas ela não respondeu. Passou a ser dominada pela "nostalgia celeste", aquela necessidade da pátria celeste à qual tendemos.

Óstia era, nessa época, o empório, o porto de Roma e, por isso mesmo, uma cidade bastante ruidosa. Hospedaram-se numa casinha tranqüila. No terraço, mãe e filho contemplavam, enlevados, a natureza. Diante daquelas faces pálidas e descamadas, daqueles olhos vivos e cintilantes, desenrolava-se um espetáculo grandioso e comovente. Por um lado, o céu azul, esplêndido, vai ao longe como que confundir-se com o mar, igualmente azul. Por outro, a amplidão severa e imponente das campanhas romanas, o verde das árvores, o silêncio crepuscular, tudo isto conduzindo à sublime contemplação do infinito. Agostinho e Mônica admiram e falam do céu, da eternidade, aspirando aos mananciais de vida que se inserem no mesmo Deus, que amam com profunda consciência. Transportados, por novo ímpeto, à felicidade eterna, pervagaram as coisas corpóreas, o sol, a lua, as estrelas, o firmamento ... e estacaram no Paraíso, anelado ardentemente, e, dele falando, tocaram-no por instantes, num arremesso supremo do coração. E o coração tem razões que a própria razão desconhece ...

Quanto durou este êxtase? Não se sabe. Subtraídos à vida

sensorial, e num gozo inefável, jamais experimentado, mesmo que levasse um dia, parecer-lhes-ia um relâmpago.

Com sumo pesar, resignaram-se a voltar à vida em normalidade. Agostinho afirmou: "Vendo que era preciso descer, suspiramos, deixando prisioneiras no alto as primícias da alma." Mônica, sentindo que sua missão nesta terra se tinha cumprido, diz a Agostinho: "Meu filho, quanto a mim, nada mais me satisfaz nesta vida. Que farei neste mundo, ou para que estarei aqui, não sei. A única coisa que me fazia desejar permanecer ainda um pouco neste mundo era ver-te cristão e católico. Antes de minha morte, Deus me concedeu mais e melhor do que isso, pois te vejo desprezar a terra, para servir a Ele só. Que faço aqui?"

Cinco ou seis dias após este colóquio com seu filho Agostinho, Mônica foi assaltada por uma febre maligna, que a constrangeu a acamar-se, para não mais se levantar. Compreendendo que a morte se avizinhava, com voz resoluta, ordenou:

- Sepultareis aqui vossa mãe.

Navígio, o filho afetuoso, que sempre a acompanhara, disse-lhe:

- Não, mamãe, ficarás boa, morrerás na pátria ...

Perturbada e aflita com essa linguagem tão pouco cristã, Mônica volta-se para Agostinho e diz-lhe:

- Ouviste como ele fala?

Depois, virando-se para todos e rindo docemente, prosseguiu:

- Colocai meu corpo em qualquer lugar, sem que isso vos dê cuidado; só vos peço que vos lembreis de mim no altar do Senhor, onde quer que estiverdes.

O mal de Mônica foi agravando-se cada vez mais. No nono dia de sua enfermidade, com a assistência desvelada de Agostinho, teve o pressentimento seguro do próprio fim. Pediu ardentemente a Eucaristia, mas as dores de estômago eram tais, que a impediram de receber esse salutaríssimo conforto. Este foi o seu último sacrifício, compensado *in pectore* pelo Senhor. Expirou, contando cinqüenta e seis anos de idade, no ano de 387, sendo sepultada na pequena Igreja de Santa Áurea.

Adeodato caiu em pranto copioso e sentido, que comoveu a todos. Recitaram-se os Salmos de Davi. Numerosos cristãos acorreram, louvando o Senhor por essa morte tão comovente. As visitas duraram todo o dia. No dia seguinte, o corpo foi levado para a Igreja, onde oficiou-se o Santo Sacrifício pela alma de Mônica e, depois, sepultado.

Agostinho conteve as lágrimas, para não imitar os que não têm fé. O esforço para isto se constituiu num novo sofrimento para ele. O dia findou-se com uma tristeza mortal para Agostinho e nada podia aliviar o seu desgosto.

No dia seguinte, ao despertar, meditando sobre o grande amor e ternura recebidos daquela mãe, não mais se conteve: "Libertei, diz ele, as lágrimas reprimidas para que banhassem o meu rosto quanto fosse de seu agrado ...".

Uma vez que os portos estavam bloqueados pelas tropas de Máximo, general espanhol insurgido contra Teodósio, Agostinho, e os seus, retornaram a Roma, onde teria oportunidade de realizar contatos interessantes, ocasiões para aprofundar a nova realidade de sua fé católica, sem deixar, ao mesmo tempo, de buscar o aperfeiçoamento daquilo que havia começado a escrever em torno de sua experiência religiosa. Estava animado de um grande fervor. Queria dar testemunho da sua fé através daquilo que tinha vivido, usando o meio de difusão mais eficaz de sua época: a página escrita. Seu ardente desejo era o de esclarecer os homens sobre a Verdade.

Passaram, juntos, nove meses em Roma. Isto foi importante para Agostinho, pois, no império, a situação política mesclava-se com a religiosa, entre invasões, heresias, tentativas de ressurgimento do paganismo, imposições do culto cristão-romano como religião estatal e rivalidades entre soberanos reinantes.

O paganismo não se exprimia mais como um culto supersticioso; não acreditava mais na pluralidade dos deuses; seus valores eram a laicidade, o racionalismo, o refinamento estético e a veneração da beleza!

Agostinho intuiu que essa nova forma de paganismo podia permanecer como um culto clandestino do homem, sem jamais acabar.

Rompido o bloqueio dos portos, Agostinho e os seus amigos retornam a Tagaste, para gozarem do "*Otium christianae vitae*", em oposição ao "*Otium litterarium*" ou "*Otium philosophicum*". Ali estabeleceram um grupo de vida comum, de vida contemplativa. O mosteiro de Tagaste era como uma cidadela de investigação intelectual. Conforme Possídio, o primeiro biógrafo de Agostinho, este comunicava o resultado dos seus estudos sobre a *Bíblia* e sobre as verdades cristãs. Isto é perfeitamente exato. Assim, nasceu aquela fraternidade monástica, que sobrevive até hoje. Não apenas a "Ordem de Santo Agostinho", nos seus ramos masculino e feminino, rica de santos, teólogos, humanistas e cientistas - dela fizeram parte Egídio Romano, Dionísio de Borgo San Sepolcro, amigo de Petrarca, Luigi Marsili, confidente de Boccacio e fundador do círculo do renascimento do Convento Agostiniano do Espírito Santo, em Florença, ao qual o grande novelista deixou sua biblioteca; Gregório Mendel, fundador da ciência genética; os santos Nicolau de Tolentino, Rita de Cássia, Clara de Montefalco, Tomás de Vilanova e João de São Facundo - mas, também, todas as velhas e novas famílias religiosas, inclusive os

dominicanos que adotaram a Regra de Santo Agostinho.

O fundador da vida monástica do Ocidente tinha por regra essencial, norteadora daquele *Otium* deificante o "*Dilige et quidquid vis fac*", isto é, "Ama e faze o que quiseres". O amor a Deus brotava de seu coração como uma lava incandescente. Dizia "*Modus amandi Deum est amare sine modo*", quer dizer: "A medida para amar a Deus é amá-lo sem medida". O amor é para Agostinho uma lei existencial.

Todavia, quando a sua instituição se amplia e na comunidade monástica aparece alguém que quer comandar, mais que ajudar e servir, também com a autoridade, e outro que, tendo jurado viver na pobreza, esconderá um pecúlio, Agostinho vê-se obrigado a escrever uma REGRA, verdadeira obra-prima sob o ponto de vista da psicologia humana e da ascética, livre das rudezas penitenciais e rica de equilíbrio.

Agostinho vivia naquele ambiente como uma barca a deslizar sobre águas tranqüilas e mantinha-se vigilante para defender-se contra um perigo. Qual este perigo? Que alguma diocese vacante, ou algum Bispo, viesse arrebatá-lo do mosteiro, para beneficiar-se da sua doutrina ou de seu zelo.

Pois aconteceu exatamente assim. Escreveu ele, então: "Nada é mais belo, nada é mais doce, que perscrutar o divino no silêncio. Mas pregar, repreender, corrigir, edificar, inquietar-se por alguém, que compromisso e que fadiga!"

O mais jovem dos monges, envolvido na sua túnica e encapuzado, como é imaginável com fundamento em afrescos antigos, era Adeodato: "Meu pai, enfim posso ver-te! Não desceste ao jardim nenhuma vez nesta semana... Deixaste-me só, mas não totalmente, porque me deleitei em reler os teus Solilóquios... Quantas páginas escreveste?" Agostinho abraçou o adolescente e com a mão esquerda acariciou a sua face, em que começava a aflorar alguma barba. Adeodato estava com cerca de quinze anos.

Os dias transcorriam no mosteiro de Tagaste, com suas manhãs calmas, tardes e ocasos ensolarados, noites profundas, de um silêncio inimaginável; um céu cravejado de incontáveis estrelas. A paz era abismal, rodeada e defendida por desertos imensos...

Os monges eram jovens, visto como Agostinho, que era o mais velho, contava com apenas trinta e cinco anos de idade.

Ocupavam-se com o louvor a Deus mediante a recitação dos Salmos; com o estudo, amiúde dialogado; com o trabalho manual, mormente no campo, como em Cassicíaco, preparando a terra, semeando, limpando, podendo observar o abrir-se das folhas e frutos, aprendendo, em suma, no magistério natural. Ademais "*Nihil est in intelectu quod prius non fuerit in sensu*", isto é, "Nada está no intelecto que antes não tenha passado pelo crivo dos sentidos".

Em 389 morre seu filho Adeodato, flor da África e primeira flor do monaquismo agostiniano, de quem, de anos mais tarde, escreverá Agostinho: "Cedo Tu o arrebataste desta terra e eu o recordo sem preocupações, pois não tenho temores pela sua infância, nem pela sua adolescência e por toda a sua vida".

Depois desta maturação definitiva da sua paternidade física - a árvore deitou o seu fruto no seio da mãe terra - Agostinho estava preparado para assumir a sua imensa paternidade espiritual no mundo.

Nesse mesmo ano morre o amigo Nebrídio, o "doce amigo meu", convertido pouco depois de Agostinho e que estava a viver em Cartago, num estado de castidade perfeita e como católico fervoroso. Seus exemplos e suas palavras levaram à conversão todos os seus familiares.

Logo em seguida, um fato veio dar orientação definitiva à vida de Agostinho. Visando ganhar para a vida religiosa um amigo, agente imperial, foi de Tagaste a Hipona, na primavera de 391. Os fiéis, sabedores do seu talento e gênero de vida que levava, arrebataram-no e o apresentaram ao Bispo Valério para que o ordenasse Sacerdote. Inutilmente Agostinho, então monge, resistiu e chorou. Depois, considerou esse ato como um chamado divino.

No mesmo ano de 391, todos se transferem para Hipona, uma das cidades maiores e mais importantes do norte africano, onde Agostinho funda um segundo mosteiro, num horto doado pelo Bispo Valério. Durante a Santa Missa, o Bispo Valério expõe ao povo a necessidade de sacerdotes para ajudá-lo na sua tarefa pastoral. Como decorrência disto, Agostinho, aclamado pelo povo, recebeu a consagração sacerdotal desse mesmo Bispo. Com a aquiescência deste, retirou-se Agostinho por alguns meses aos desertos da alma, fez a sua quaresma de estudo, meditação, oração e jejum, para tornar-se a "cidade sacerdotal" situada sobre o monte ou a lâmpada que arde para iluminar a casa.

Em 392, ele trabalha nas tarefas pastorais da diocese e ocupa-se da pregação, encargo que era, então, privativo dos Bispos. Passa a defender a fé católica contra os donatistas, seita herética, separada da Igreja em 312, e cujos adeptos eram maioria em Hipona, os quais o chamam de "o lobo mortífero que ameaça destruir o nosso rebanho" e escapa, por pouco, de um atentado que eles arquitetaram.

No dia 28 de agosto de 392, Agostinho disputa com o maniqueu Fortunato, nas termas de Sosio. No dia 8 de outubro de 393, no Sínodo de Hipona, Agostinho prega sobre a fé e o símbolo. Em 395, é novamente aclamado na Igreja: "Agostinho, Bispo!" e sagrado Bispo

dominicanos que adotaram a Regra de Santo Agostinho.

O fundador da vida monástica do Ocidente tinha por regra essencial, norteadora daquele *Otium* deificante o "*Dilige et quidquid vis fac*", isto é, "Ama e faze o que quiseres". O amor a Deus brotava de seu coração como uma lava incandescente. Dizia "*Modus amandi Deum est amare sine modo*", quer dizer: "A medida para amar a Deus é amá-lo sem medida". O amor é para Agostinho uma lei existencial.

Todavia, quando a sua instituição se amplia e na comunidade monástica aparece alguém que quer comandar, mais que ajudar e servir, também com a autoridade, e outro que, tendo jurado viver na pobreza, esconderá um pecúlio, Agostinho vê-se obrigado a escrever uma REGRA, verdadeira obra-prima sob o ponto de vista da psicologia humana e da ascética, livre das rudezas penitenciais e rica de equilíbrio.

Agostinho vivia naquele ambiente como uma barca a deslizar sobre águas tranqüilas e mantinha-se vigilante para defender-se contra um perigo. Qual este perigo? Que alguma diocese vacante, ou algum Bispo, viesse arrebatá-lo do mosteiro, para beneficiar-se da sua doutrina ou de seu zelo.

Pois aconteceu exatamente assim. Escreveu ele, então: "Nada é mais belo, nada é mais doce, que perscrutar o divino no silêncio. Mas pregar, repreender, corrigir, edificar, inquietar-se por alguém, que compromisso e que fadiga!"

O mais jovem dos monges, envolvido na sua túnica e encapuzado, como é imaginável com fundamento em afrescos antigos, era Adeodato: "Meu pai, enfim posso ver-te! Não desceste ao jardim nenhuma vez nesta semana... Deixaste-me só, mas não totalmente, porque me deleitei em reler os teus Solilóquios... Quantas páginas escreveste?" Agostinho abraçou o adolescente e com a mão esquerda acariciou a sua face, em que começava a aflorar alguma barba. Adeodato estava com cerca de quinze anos.

Os dias transcorriam no mosteiro de Tagaste, com suas manhãs calmas, tardes e ocasos ensolarados, noites profundas, de um silêncio inimaginável; um céu cravejado de incontáveis estrelas. A paz era abismal, rodeada e defendida por desertos imensos...

Os monges eram jovens, visto como Agostinho, que era o mais velho, contava com apenas trinta e cinco anos de idade.

Ocupavam-se com o louvor a Deus mediante a recitação dos Salmos; com o estudo, amiúde dialogado; com o trabalho manual, mormente no campo, como em Cassicíaco, preparando a terra, semeando, limpando, podendo observar o abrir-se das folhas e frutos, aprendendo, em suma, no magistério natural. Ademais "*Nihil est in intelectu quod prius non fuerit in sensu*", isto é, "Nada está no intelecto que antes não tenha passado pelo crivo dos sentidos".

Em 389 morre seu filho Adeodato, flor da África e primeira flor do monaquismo agostiniano, de quem, de anos mais tarde, escreverá Agostinho: "Cedo Tu o arrebataste desta terra e eu o recordo sem preocupações, pois não tenho temores pela sua infância, nem pela sua adolescência e por toda a sua vida".

Depois desta maturação definitiva da sua paternidade física - a árvore deitou o seu fruto no seio da mãe terra - Agostinho estava preparado para assumir a sua imensa paternidade espiritual no mundo.

Nesse mesmo ano morre o amigo Nebrídio, o "doce amigo meu", convertido pouco depois de Agostinho e que estava a viver em Cartago, num estado de castidade perfeita e como católico fervoroso. Seus exemplos e suas palavras levaram à conversão todos os seus familiares.

Logo em seguida, um fato veio dar orientação definitiva à vida de Agostinho. Visando ganhar para a vida religiosa um amigo, agente imperial, foi de Tagaste a Hipona, na primavera de 391. Os fiéis, sabedores do seu talento e gênero de vida que levava, arrebataram-no e o apresentaram ao Bispo Valério para que o ordenasse Sacerdote. Inutilmente Agostinho, então monge, resistiu e chorou. Depois, considerou esse ato como um chamado divino.

No mesmo ano de 391, todos se transferem para Hipona, uma das cidades maiores e mais importantes do norte africano, onde Agostinho funda um segundo mosteiro, num horto doado pelo Bispo Valério. Durante a Santa Missa, o Bispo Valério expõe ao povo a necessidade de sacerdotes para ajudá-lo na sua tarefa pastoral. Como decorrência disto, Agostinho, aclamado pelo povo, recebeu a consagração sacerdotal desse mesmo Bispo. Com a aquiescência deste, retirou-se Agostinho por alguns meses aos desertos da alma, fez a sua quaresma de estudo, meditação, oração e jejum, para tornar-se a "cidade sacerdotal" situada sobre o monte ou a lâmpada que arde para iluminar a casa.

Em 392, ele trabalha nas tarefas pastorais da diocese e ocupa-se da pregação, encargo que era, então, privativo dos Bispos. Passa a defender a fé católica contra os donatistas, seita herética, separada da Igreja em 312, e cujos adeptos eram maioria em Hipona, os quais o chamam de "o lobo mortífero que ameaça destruir o nosso rebanho" e escapa, por pouco, de um atentado que eles arquitetaram.

No dia 28 de agosto de 392, Agostinho disputa com o maniqueu Fortunato, nas termas de Sosio. No dia 8 de outubro de 393, no Sínodo de Hipona, Agostinho prega sobre a fé e o símbolo. Em 395, é novamente aclamado na Igreja: "Agostinho, Bispo!" e sagrado Bispo

Coadjutor de Valério, por Megálio, primaz da Numídia.

Em 397, Agostinho participou de um concílio em Cartago e tendo morrido o Bispo Valério, sucedeu-lhe na sede episcopal, cuja diocese tinha um território extenso e uma população dispersa. Em 398, mantém controvérsia com Fortúnio, bispo donatista de Tibursicum, e com Félix, maniqueu, que se converte à fé católica. Em 399, entrevista-se com Crispim, bispo donatista de Calama. Em 401, participa de um concílio em Cartago e luta contra os donatistas. Em 404, vai a outro concílio em Cartago, com a participação de católicos e donatistas, o que ocorreu de primeiro a oito de junho, e tem início a polêmica antipelagiana. Em 414, Pablo Orósio, sacerdote espanhol, chega a Hipona para consultar Agostinho, que o comissiona para ir à Palestina, o que ocorreu em 415, (questão pelagiana). Em 416, participou do concílio de Milevi contra os pelagianos. Em 418, disputa com o bispo donatista Emérito de Cesaréia. Em 419, participou de concílio em Cartago, onde se discutiu o assunto do sacerdote Apiário. Em 420, consegue a retratação do monge francês Lepório. Em 426, nomeia Heráclio como Bispo Auxiliar e seu sucessor. Em 428, conferencia com o bispo ariano Maximino.

Agostinho permaneceu por mais de quarenta anos ligado à Igreja Hiponense: Vigário aos 36 anos, Bispo Coadjutor aos 41 e sucessor de Valério logo depois. Administrava e refletia filosoficamente, com decorrências positivas, visto como, resguardado de um severo recolhimento, pôde conhecer aspectos da fé popular, tais como o culto das relíquias e dos mártires. O contato com o povo fazia-se de múltiplas maneiras: nos ofícios propriamente religiosos de celebração litúrgica, administração dos sacramentos e pregação dominical e nas festas de guarda, quando não diariamente; no ministério da palavra, quando produziu enorme quantidade de sermões, dos quais quinhentos foram recolhidos pelos estenógrafos, e chegaram até nós; na instrução catequética dos futuros batizandos, na direção espiritual e nas obras de caridade. Essas responsabilidades ampliaram-se, paulatinamente, para defender os pobres, intervir junto aos poderosos e magistrados em favor de condenados e oprimidos, procurando fazer respeitar a lei do asilo; para administrar o patrimônio eclesial e exercer as funções seculares de verdadeiro juiz, uma vez que, desde Constantino, o império reconhecera a competência da autoridade episcopal nos processos civis.

Apesar dessa invulgar atividade, ainda encontrava tempo para desenvolver uma fecundíssima produção literária.
{(6),p.110-112; (16),p.61-72; (19),p.27; (24),p.137-149; (36),p.440-441}.

2.8 OBRA LITERÁRIA

Escritor fertilíssimo, Agostinho deixou-nos um tesouro doutrinário imenso, fruto de seu espírito contemplativo e católico. No final de sua vida, consciente de sua responsabilidade de semeador de idéias, redigiu e difundiu sua "Retractationum", em dois livros, obra sem precedente na história da literatura antiga, na qual revirou trinta e três de suas obras. Sua produção literária abrange, ao que se sabe, duzentos e trinta e dois livros, além de sua obra literária e epistolar.

Possuímos quase toda sua biblioteca, milagrosamente preservada do saque e incêndio de Hipona, em 431. Das referidas na "Retractationum", foram perdidas dez obras, em sua maioria pertencentes à polêmica antidonatista.

Sua atividade literária iniciou-se em 382, quando era professor de retórica, com o ensaio estético-filosófico "*De pulchro et apto*", isto é, "Do belo e do conveniente", que dedicou e enviou a Hierio, orador da cidade de Roma.

A sua conversão religiosa teve, entre outros, o condão de enriquecer suas energias e impulsionar seu espírito criador. Antes do batismo, ocorrido em 387, escreveu os livros "*Contra academicos*" (386), onde definiu as bases de sua criteriologia; "*De ordine*" (386), dando o esboço do programa cultural das artes liberais; e os "*Soliloquiorum*" (386-387), um diálogo filosófico com a razão, de profunda intimidade e agudeza analítica, tocando à sublimidade. O "*De beata vita*" (386) é uma conversação mantida com os amigos no dia de seu aniversário, treze de novembro, e os dois seguintes. Estes diálogos eram estenografados por um *notarius escriba* e mantêm, ao menos em parte, a vivacidade e a espontaneidade da conversação.

Em Milão, Agostinho deu início a uma espécie de enciclopédia das chamadas artes liberais, mas apenas chegaram até nós a obra "*De Musica*", concluída, mais tarde, em Tagaste (388-391). Em "*De quantitate animae*" (387-388) esforçou-se na indagação respeitante à grandeza da alma; e em "*De moribus Ecclesiae et de moribus manichaeorum*" (307) desenvolveu a apologética comparativa, para provar a transcendência do cristianismo. Problemas seríssimos ligados à liberdade, à moralidade das ações, à lei, à origem do mal, à presciência divina, e outros, estudou-os no diálogo "*De libero arbitrio*", iniciado em Roma e concluído em Hipona (387-391). A pedido de amigos de Tagaste, compôs o comentário sobre o Gênesis "*De Genesi contra manichaeos*" (388-390), com estilo simples e vulgar.

O livrinho "*De Magistro*" (389) resume suas idéias pedagógicas e no "*De vera Religione*" (388-391), qualificado pelo Padre Eugène Portalie, S.J., no "Dictionnaire de Théologie Catholique", I, como "un petit chef-d'oeuvre d'apologie", sua filosofia religiosa e apologia do

cristianismo. No período 387-391 respondeu a muitas consultas, que lhe foram dirigidas por amigos, a respeito de temas diversificados, e as respostas originaram o livro "*De diversis quaestionibus octoginta tribus*".

No seu qüinqüênio sacerdotal (391-395) desenvolveu grande atividade, mormente contra os maniqueus. No livro "*De utilitate credenti*" (391-392), sobre o valor da crença, dirigido a seu amigo Honorato, que escarnecia dos católicos por sua credulidade, desenvolve as provas racionais da fé, vale dizer, formula a apologética clássica cristã, tendo Cristo como centro da verdadeira religião e da História, e a Igreja como guia infalível para ela.

Nos livros "*De duabus animabus*" (392), "*Disputatio contra Fortunatum*" (392), "*De Genesi ad litteram liber imperfectus*" (393-394) e "*Contra Adimantum*" (393-396), mostra-se um polemista a um só tempo positivo e vigoroso defendendo a unidade da alma humana e combatendo o panteísmo psicológico dos princípios.

No ano 393, na Basílica da Paz, em Hipona, celebrou-se o "Concílio Plenário dos Bispos Africanos" e, embora ainda simples sacerdote, Agostinho foi incumbido de proferir um discurso sobre o Símbolo Apostólico, que deu origem ao opúsculo "*De fide et symbolo*", que, segundo F. di Capua, na sua obra "Il ritmo prosaico in Sant'Agostino", in: Miscellanea Agostiniana, II, p.665, "é uma das obras melhor escrita ritmicamente". Nos comentários atinentes ao Sermão da Montanha, intitulado "*De sermone Domini in monte*" (395-396), Agostinho expõe, em linguagem simples, a moral evangélica.

O Salmo abecedário, "*Psalmus contra partem Donati* " (393-396), escrito com um ritmo especial para ser cantado pelo povo, introduziu um elemento novo na história da versificação latina.

Alguns tratados e comentários exegéticos às Epístolas aos Romanos e aos Gálatas, bem como os opúsculos "*De mendacio*" e "*De continentia*" (394-395), completam o trabalho dessa época.

Escreve, então, "Confessionum" (396), que alcança sucesso imediato, completando-as, em 399, com um capítulo adicional sobre a sua vida após a conversão. Três artífices colaboraram na elaboração dessa literatura humaníssima: o sábio, o artista e o santo. Além disso, é um livro de alento criador tão poderoso, como filho simultâneo do entendimento, do coração e da fantasia. Seu estilo oracional revela o grande mestre da oração cristã. Tem sido fonte de conversão para um sem número de pessoas.

No período que vai da sua consagração episcopal até a polêmica pelagiana (396-412), escreveu "*De doctrina christiana*", que serviu de manual do Clero da Idade Média e deu a Pedro Lombardo o princípio de sistematização para sua obra chamada "Sentenças", foi iniciada em 397 e concluída em 426. As respostas às questões aduzidas a

Agostinho por Simpliciano, Bispo de Milão, objeto do livro "*De diversis quaestionibus ad Simplicianum*" (397), assinalam um progresso na evolução intelectual de Agostinho sobre a graça: a iniciativa para abraçar a fé - *initium fidei* - também é um dom de Deus.

Para consolo do diácono Deogratias, de Cartago, Agostinho compôs as instruções "*De catechizandis rudibus*" (400) que, "em toda a Idade Média foi a fonte em que se inspiraram os missionários catequizadores dos povos bárbaros e os pastores zelosos que lutaram em terras cristãs com a ignorância de sua grei", conforme afirmou o Padre Félix Restrepo em sua obra: San Agustín. Sus métodos catequísticos. P. 36, Madrid, 1925.

No livreto "*De fide rerum quae non videntur*" (400), o grande Bispo planeja uma forma de apologética, realizada por Lacordaire em suas "Conferências de Nossa Senhora de Paris" e pelo Concílio Vaticano I, em sua constituição dogmática sobre a Igreja.

Nas obras "*De bono conjugali* " e "*De virginitate*" (400-401), defende a santidade matrimonial e a virgindade; em "*De opere monachorum*" (400), o trabalho manual, e em "*De consensu Evangelistarum*" (400), a harmonia dos Evangelhos. A obra "*De Trinitate*" (400-416), digna de menção honrosa, compreende quinze livros, divididos em duas partes; na primeira, que compreende os sete iniciais, Agostinho expõe o dogma da Trindade segundo os testemunhos da Sagrada Escritura; na segunda, compreendendo os oito livros restantes, ele indaga a explicação analógica do referido mistério e desenvolve, em especial, a doutrina da alma, como imagem de Deus, de invulgar importância na filosofia e na mística dos séculos posteriores ao do seu aparecimento. Esta é a sua obra teológica mais importante e fundamental ainda agora na teologia trinitária.

A polêmica antidonatista gerou frutos copiosos, também, em livros como: "*De baptismo contra donatistas*" (400), "*Contra Epistolam Parmeniani*" (400), "*Contra Cresconium Grammaticum*" (405) e "*De unico baptismo contra Petilianum*" (410).

Simultaneamente, Agostinho enfrentava a investida maniquéia com novas publicações como: "*Contra Epistolam quam vocant fundamenti*" (397), como refutação à epístola fundamental de Manes; "*Contra Faustum manichaeum*" (400), sua resposta a Fausto, maniqueu; "*Contra Secundinum manichaeum*" (405-406), sua polêmica contra Secundino; "*De natura boni contra manichaeos*" (405), sua exposição da essência do bem; e "*De actis cum Felice manichaeo*" (404), as atas de sua disputa com Félix.

Agostinho empreendeu uma interpretação nova dos primeiros capítulos do Gênesis em "*De Genesi ad litteram*" (401-415).

A heresia pelagiana obrigou-o a aprofundar-se nos problemas mais difíceis da antropologia e da soteriologia católica. A contenda

prolongou-se até a sua morte (430). Conforme as circunstâncias, ou segundo as consultas que se lhe fizeram, Agostinho foi publicando seus escritos: "*De spiritu et littera*" (412), sobre o espírito e a letra; "*De peccatorum meritis et remissione*" (412), sobre os méritos e a remissão dos pecados; "*De fide et operibus*" (413), sobre a fé e as obras; "*De natura et gratia contra Pelagium*" (415), sobre a natureza da graça; "*De perfectione justitiae hominis*" (415), sobre a perfeição da justiça do homem; "*De gratia Christi et peccato originali*" (418), sobre a graça de Cristo e o pecado original; "*De nuptiis et concupiscentia*" (419-420), sobre as bodas e a concupiscência; "*De gratia et libero arbitrio*" (426-427), sobre a graça e o livre arbítrio: "*De correptione et gratia*" (426-427), sobre a correção e a graça; e "*De praedestinatione Sanctorum, De dono perseverantiae*" (428-429), sobre a predestinação dos santos e o dom da perseverança.

A este período pertence igualmente a afadigosa redação de sua obra-prima "*De Civitate Dei*", iniciada em 411 e terminada em 426. A grande civilização romana ruía fragorosamente. Em 410, Alarico toma e saqueia Roma. E Roma era cristã! E o império havia-se convertido, em grande parte, à religião da cruz! A objeção aparece logo nos lábios dos infiéis: "Outrora, quando no Capitólio se sacrificava a Júpiter, Roma era a força, o poder, a vitória, a glória. Hoje, quando os nossos templos estão fechados e a lei não permite senão os sacrifícios dos cristãos, desprotegidos dos deuses que desamparamos, caímos na desonra, na escravidão e na morte." O argumento tinha muito de especioso para os espíritos superficiais; merecia uma refutação séria. O gênio de Agostinho, envolvido na controvérsia pelagiana, não hesitou em consagrar-lhe as horas livres de treze anos de estudos. Em 426, saiu-lhe da pena "A cidade de Deus", o grande tratado de filosofia da história, onde satisfaz a todas as questões atormentadoras das inteligências, daquela época.

Como pensador religioso, moralista e martelo das heresias (maniqueus, donatistas, pelagianos, arianos e outras) foi urgido por outras necessidades, que o obrigaram a escrever cartas, a pronunciar sermões, a lançar opúsculos contra arianos e donatistas e livros, com o "*Enchiridion*" (421), que é um manual da fé católica; "*De anima et ejus origine*" (419-420); "*De cura pro mortuis gerenda*" (421); "*De Conjugiis adulterinis*" (419); "*Contra Julianum haeresis pelagianae defensorem*" (421); a epístola 211, agora chamada "*Regra de Santo Agostinho*" (423); e outras. No "*De haeresibus*" (428) é feita uma contagem de oitenta e três heresias.

A morte surpreendeu o grande herói e caudilho da "Cidade de Deus" em plena luta, polemizando com o heresiarca mais sutil de seu tempo, Juliano de Eclama. Sua "*Opus imperfectum contra Julianum*" (429-430), ficou inconclusa.

Agostinho foi um grande artista ao descrever e um mestre da palavra da mais elevada grandeza. Sua linguagem, quer nos momentos fortes, quer nas passagens doces, possui um profundo atrativo sentimental, um tom musical fascinante e, para ele, a língua latina foi um tesouro de enorme intimidade.

Para revelação de seu mundo íntimo e as múltiplas experiências de sua vida, Agostinho criou um estilo plástico e flamejante, um estilo que é o homem completo, porque integrante das três forças mais vitais, a saber: a das imagens, a das idéias e a do sentimento. Todo o seu escrito brota copiosamente da vida. A regra máxima de seu estilo, foi a enunciada pelo E.Hello, em "El hombre", página 407: "O homem deve viver na verdade, pensar como vive e falar como pensa. Estamos em plena simplicidade, porque em plena verdade."

A vida, o pensamento e a literatura formam em Agostinho um trinômio maravilhoso, raro nos anais da História.

Todavia, ainda no âmbito de um molde único e original, é lícito falar-se de diversidade de estilos, a resplandecer, em especial, em três ordens de obras: nas "Confissões", na "Cidade de Deus" e nos "Sermões". {(19),p.35-43; (29),p.269-270; (36),p.440-450; (6),p.112 do encarte}.

2.9 ATUALIDADE

Apraz-me seguir neste capítulo as idéias expendidas por aquele que, há pouco, honrou nosso país com sua presença e ação, a saber, o Papa João Paulo II, e constantes da introdução e dos itens IV e V da "Carta Apostólica sobre Santo Agostinho de Hipona", citada nas referências bibliográficas sob o número trinta. Quem melhor do que Sua Santidade para conduzir a um feliz encerramento esta palestra, quer por sua vida pessoal, quer pela eclesial, quer pela grande estima ao mesmo Santo?

2.9.1 INTRODUÇÃO

Agostinho, desde quando, apenas um ano depois da morte, foi pelo meu longínquo predecessor Celestino I inscrito entre os "melhores mestres da Igreja" (Celestino I. Ep.*Apostilici verba*, maio de 431: PL 50, 530a), continuou a estar presente, na vida da Igreja e na mente e na cultura de todo o Ocidente. Outros Pontífices Romanos depois, para não falar dos Concílios que recorreram, e em grande medida aos escritos, propuseram os exemplos dele e os seus documentos de doutrina, a fim de que fossem estudados e imitados. Leão XIII exaltou-lhe os ensinamentos filosóficos na *Aeterni Patris* (Cf.Leão XIII.

Encicl.*Aeterni Patris*, 4 de agosto de 1879: Acta Leonis XIII, I. Roma 1881, p.270); Pio XI sintetizou as virtudes e o pensamento dele na Encíclica *Ad salutem humani generis*, declarando que pelo gênio agudíssimo, pela riqueza e sublimidade de doutrina, pela santidade da vida e pela defesa da verdade católica, ninguém ou certamente pouquíssimos, de quantos floresceram desde o início do gênero humano até hoje, podem ser comparados a ele (Cf. Pio XI. Encicl. *Ad salutem humani generis*, 22 de abril de 1930; AAS 22, 1930, p.233); Paulo VI afirmou que "de fato, além de resplandecerem nele em grau eminente as qualidades dos Padres, se pode dizer que todo o seu pensamento da antigüidade conflua na sua obra e dela derivem correntes de pensamento que penetram toda a tradição doutrinal dos séculos sucessivos (Paulo VI, *Discurso aos Religiosos da Ordem de Sto. Agostinho* por ocasião da inauguração do Instituto Patrístico "Augustinianum", 4 de maio de 1970; AAs 62, 1970, p.426).

Eu mesmo uni a minha voz à dos meus predecessores, ao exprimir o vivo desejo de que "a sua doutrina filosófica, teológica, espiritual seja estudada e difundida, de modo a que continue o seu magistério na Igreja, um magistério humilde e ao mesmo tempo luminoso, que fala sobretudo de Cristo e do amor" (João Paulo II, Discurso aos Professores e alunos do Instituto Patrístico "Augustinianum", 8 de maio de 1982: AAS 74, 1982, p.800).

Além disso, tive ocasião de recomendar de modo particular aos filhos espirituais do grande santo que "mantivessem vivo e atraente o encanto de Santo Agostinho, também na sociedade moderna: ideal estupendo e entusiasmante, porque o conhecimento exato e afetuoso do seu pensamento e da sua vida suscita a sede de Deus, o fascínio de Jesus Cristo, o amor à sabedoria e à verdade, a necessidade da graça, da oração, da virtude, da caridade fraterna, o desejo da eternidade feliz. (João Paulo II, Discurso ao Capítulo Geral da Ordem de Sto. Agostinho, durante a Audiência de 25 de agosto de 1983: Insegnamenti VI/2, 1983, p.305). Estou contente, portanto, porque a feliz circunstância do XVI centenário da sua conversão e do seu batismo me ofereceu a oportunidade de lhe reevocar a luminosa figura. Esta recordação será ao mesmo tempo um agradecimento a Deus pelo dom feito à Igreja, e mediante ela à humanidade inteira, com aquela conversão; será uma ocasião propícia para recordar que o convertido, que se tornou bispo, foi um modelo luminoso de pastor, um defensor intrépido da ortodoxia da fé ou, como ele dizia, da "virgindade" da fé (Cf. Sto. Agostinho, *Serm. 93*, 4; 231,7: PL 38, 575; 38, 1063, em seguida, onde não se cita expressamente o nome do autor, leia-se "Sto. Agostinho"), um construtor genial daquela filosofia que, pela harmonia com a fé, pode bem ser chamada cristã, um promotor incansável da perfeição espiritual e religiosa.

O caminho da sua conversão é por nós conhecido mediante as suas próprias obras, isto é, as que ele escreveu na solidão de Cassicíaco antes do batismo (Cf. *De beata vita* 4; PL 32, 961; *Contra Acad.* 2, 2, 4-6; PL 32, 921-922; *Solil.* 1, 1, 1-6; PL 32, 869-872), e sobretudo mediante as célebres *Confissões*, obra que é ao mesmo tempo autobiografia, filosofia, teologia, mística e poesia, na qual homens sequiosos da verdade e cônscios dos próprios limites se encontraram e se encontram a si mesmos. "Qual das minhas obras", escreve quase no final da vida, "pôde ter mais vasta notoriedade e tornar-se mais agradável do que os livros das minhas Confissões?". Este juízo a história jamais o desmentiu, antes o confirmou amplamente. Também hoje as *Confissões* de Santo Agostinho são muito lidas e, ricas como são de introspecção e de paixão religiosa, atuam em profundidade, estimulam e comovem. E não só os crentes; também aquele que não tem fé mas está à procura de uma certeza, que pelo menos lhe permita compreender a si mesmo, as suas aspirações profundas, os seus tormentos, encontra proveito ao ler esta obra. A conversão de Santo Agostinho, dominada pela necessidade de encontrar a verdade, tem muito a ensinar aos homens de hoje, com freqüência tão desorientados ante o grande problema da vida.

.Sabe-se que esta conversão teve um caminho muito singular, porque não se tratou de uma conquista da fé católica, mas de uma reconquista.

2.9.2 AOS HOMENS DE HOJE

A este homem extraordinário queremos perguntar o que tem ele a dizer aos homens de hoje. Penso que tenha a dizer deveras muito, tanto com o exemplo como com o ensinamento.

Àquele que procura a verdade, ele ensina a não perder a esperança de a encontrar. Ensina-o com o exemplo - ele a encontrou depois de fatigosas pesquisas - e com a sua atividade literária, cujo programa é fixado na carta escrita pouco depois da conversão. "Parece-me que os homens devem ser reconduzidos à esperança de encontrarem a verdade" (Ep.1, 1: PL 33,61). Ensina, portanto, a procurarem-na "com humildade, desinteresse e diligência" (*De quantitate animae* 14, 24: PL 32, 1049; cf. *De vera relig.* 10, 20; PL 34, 131), a superarem: o ceticismo, através do retorno a si mesmos, onde habita a verdade (Cf. *De vera relig.* 39, 72: PL 34, 154); o materialismo, que impede à mente perceber a sua união indissolúvel com as realidades inteligíveis (Cf. *Retract.* 1, 8, 2: PL 32, 594; 1, 4, 4: PL 32, 590); o racionalismo, que recusando a colaboração da fé se põe na

condição de não entender o "mistério" do homem. (Cf. *Ep 118*, 5, 33: PL 33, 448).

Aos teólogos, que de modo meritório se fadigam por aprofundar o conteúdo da fé, ele deixa o imenso patrimônio do seu pensamento, no complexo sempre válido, e particularmente o método teológico ao qual ele permaneceu fiel de maneira inabalável. Sabemos que este método comportava a adesão plena à autoridade da fé que, una na sua origem - a autoridade de Cristo (Cf. *Contra Acad.* 3, 20, 43: PL 32, 957) -, se manifesta mediante a Sagrada Escritura, a Tradição, a Igreja; o ardente desejo de entender a própria fé - "O intelecto de fato gosta muito de compreender" (*Ep. 120*, 3, 13: PL 33, 458), diz ele aos outros e aplica a si mesmo (Cf. *De Trin.* 1, 5, 8: PL 42, 825) -; o sentido profundo do mistério - "é melhor a fiel ignorância", exclama, "do que a temerária ciência (*Serm. 27*, 4: PL 38, 179); a convicta segurança de que a doutrina cristã vem de Deus e, portanto, tem uma sua originalidade que não só deve ser conservada integralmente - é esta a "virgindade" da fé de que se falava -, mas deve servir também como medida para julgar filosofias a ela conformes ou disformes (Cf. *De doctrina Christ.* 2, 40, 60: PL 34, 55; *De civ. Dei* 8, 9: PL 41, 233).

Sabe-se quanto Agostinho amou a Sagrada Escritura, da qual exalta a origem divina (Cf. *Enarr. in ps.* 90, d.2, 1: PL 37, 1159-1160), a infalibilidade (Cf. *Ep. 28*, 3, 3: PL 33, 112; 82, a profundidade e a riqueza inexaurível (Cf. *Ep. 137*, 1, 3: PL 33, 516), e quanto a estudava. Mas ele estuda e quer que se estude toda a Escritura, que se lhe ponha em evidência o verdadeiro pensamento, ou, como ele diz, o "coração" (*De doctrina Christ.* 4, 5, 7: PL 34, 91-92), mostrando a concordância da mesma entre si, se for o caso (Cf. *De perf. iust. hom.* 17, 38: PL 44, 311-312). Considera estes dois pressupostos leis fundamentais para a entender. Por isto a lê na Igreja, tendo em conta a Tradição, da qual ele põe em relevo, e com insistência, as propriedades (Cf. *De baptismo* 4, 24, 31: PL 43, 174-175) e a força obrigante (Cf. *Contra Julianum* 6, 6-11: PL 45, 1510-1521). É célebre a sua frase: "Não acreditaria no Evangelho, se não me induzisse a isto a autoridade da Igreja Católica (*Contra ep. Man.* 5, 6: PL 42, 176; cf. *C. Faustum* 28, 2: PL 42, 485-486).

Nas controvérsias que surgem sobre a interpretação da Sagrada Escritura, ele recomenda discutir "com santa humildade, com paz católica, com caridade cristã" (*De baptismo* 2, 3, 4: PL 43, 129), até que venha a surgir a verdade que Deus pôs na cátedra da unidade (*Ep. 105*, 16: PL 33, 403). Então se poderá verificar que a controvérsia não surgiu inutilmente, porque ela se tornou "ocasião de aprender" (*De civ. Dei* 16, 2, 1: PL 41, 477), determinando um progresso na inteligência da fé.

Para continuar ainda um pouco nos ensinamentos agostinianos

aos homens de hoje, ele recorda aos pensadores o dúplice objeto da indagação que deve ocupar a mente humana: Deus e o homem. "Que desejas conhecer?", pergunta ele a si mesmo. E responde: "Deus e o homem". "Nada mais? Precisamente só isto" (*Solil.* 1, 2, 7: PL 32, 872). Ante o triste espetáculo do mal, recorda-lhes, além disso, que tenham confiança no triunfo final do bem, isto é, daquela cidade "onde a vitória é verdade, a dignidade é santidade, a paz é felicidade, a vida é eternidade" (*De civ. Dei* 2, 29, 2: PL 41,78).

Convida também aos homens da ciência a reconhecerem nas coisas criadas o vestígio de Deus (Cf. *De diversis quaestionibus* 83, q. 46, 2: PL 40, 29-31), e a descobrirem na harmonia do universo as "razões seminais" que Deus nele introduziu (Cf. *De Gen. ad Litt.* 5, 23, 44-45; 6, 6, 17-6, 12, 20: PL 34, 337-338; 346-347). Aos homens, depois, que têm nas mãos os destinos dos povos recomenda que amem sobretudo a paz (Cf. *Ep. 189*, 6: PL 33, 856) e que a promovam, não com a luta mas com os métodos de paz, porque, escreve com muita sabedoria: "é título maior de glória matar a guerra com a palavra, do que matar os homens com a espada, e conquistar e manter a paz com a paz, não com a guerra" (*Ep. 229*, 2: PL 33, 1020).

Enfim, desejaria dedicar uma palavra aos jovens, que por Agostinho foram muito amados como professor antes da conversão (Cf. *Confiss.* 6, 7, 11-12: PL 32, 725; *De ordine* 1, 10, 30: PL 32, 991) e como pastor depois (Cf. *Ep. 26*; 118; 243; 266: PL 33, 103-107; 431-449; 1054-1059; 1089-1091). Ele lhes recorda o seu grande trinômio: verdade, amor, liberdade; três bens supremos que estão juntos; e convida-os a amar a beleza, ele que muito se apaixonou por ela (Cf. *Confiss.* 4, 13, 20: PL 32, 701). Não só a beleza dos corpos que poderia fazer esquecer a do espírito (Cf. *Confiss.* 10, 8, 15: PL 32, 785-786), nem só a da arte (Cf. *Confiss.* 10, 34, 53: PL 32, 801), mas a beleza interior da virtude (Cf. *Ep. 120*, 4, 20: PL 33, 462) e sobretudo a beleza eterna de Deus, da qual provém a beleza dos corpos, da arte e da virtude; de Deus que é "a beleza de toda a beleza" (*Confiss.*, 3, 6, 10: PL 32, 687), "fundamento, princípio e ordenador do bem e da beleza de todos os seres que são bons e belos" (*Solil.* 1, 1, 3: PL 32, 870). Agostinho, recordando os anos precedentes à sua conversão, com pesar se lamenta de ter amado tarde esta "beleza tão antiga e tão nova" (*Confiss.* 10, 27, 38: PL 32, 795), e quer que os jovens não o sigam nisto, mas que, amando-a sempre e acima de tudo, conservem perpetuamente nela o esplendor interior da própria juventude (Cf. *Ep. 120*, 4, 20: PL 33, 462).

3. CONCLUSÃO

Pervaguei a vida desse homem incomparável e amorável, que foi Aurélio Agostinho, de quem todos nós, especialmente os ocidentais, nos sentimos eclesialmente filhos e discípulos, e entrevemos, com clareza, a magnitude de seu esforço na procura do Deus Verdadeiro e na luta ingente pela unidade da Igreja Universal.

Como homem que por quase meio século trabalhou com a juventude, especialmente no meio universitário, sinto ser um preconceito, deplorável e funestíssimo, por demais difundido, inclusive, direta e indiretamente, por poderosos meios de comunicação e expressão social modernos, que os avanços do conhecimento humano estabeleceram um desacordo entre a *Fé* e a *Ciência*. Todavia, trata-se tão-somente de um equívoco, grosseiro, fundamentado, senão na má-fé, ao menos na ignorância, no sentido elevado do termo. É preciso considerar que, como já proclamava Bacon de Verulam "pouca ciência afasta de Deus e da Religião; muita, a Ele conduz ou faz voltar" {Cf. (21),p.185-186}.

Também faz-se mister considerar, com persistente empenho, que o *PLANO DE DEUS*, tal como se revela ao longo da Bíblia, desde o "Façamos o homem à nossa imagem", do Gênesis, até as "Bodas" dos últimos capítulos do Apocalipse, é o de introduzir a humanidade na comunhão de Sua Vida. Demais, se a História é a ciência que estuda os fatos ocorridos nas sociedades humanas, máxime os mais notáveis, os liames entre eles existentes, em ordem a revelar a origem, o progresso e a decadência dos povos, não é admissível que ela deixe de pôr em evidência, com profundo amor à verdade, os fatos

ligados a Nosso Senhor Jesus Cristo, como o anúncio, o nascimento, os exemplos, a doutrina, a paixão, a morte e a ressurreição, e extrair deles, com a mais profunda e autêntica retidão, as decorrências teórico-práticas.

Que Agostinho, o Santo querido que esta modestíssima palestra enfocou, interceda, com sua poderosa voz, e méritos, no sentido de mover a inteligência, o sentimento e a vontade de todos e cada um dos seres humanos para a verdade, sobretudo para a Verdade Suprema, eis o meu desejo elevado, ativo e ingente.

NOTAS

(1) Assim surgiram os chamados *plurais de etiqueta*, depois *plurais de cortesia*, ainda usados em algumas línguas modernas, pois os requerimentos ao imperador deviam ser dirigidos aos quatro personagens ao mesmo tempo {(25), p.463-468}.

(2) Nome este vinculado à onomatopéia e dado pelos gregos a todos os povos, inclusive aos romanos, situados fora de sua civilização. Mais tarde, quando os romanos se identificaram aos gregos, chamaram-se "bárbaros" todos os bandos armados, não romano-gregos, invasores do império.

(3) *Apud* (14), p.221-222.

(4) Este, necessário graças ao terrorismo existente.

(5) Próximo de Hipona.

(6) Cheio de remorsos por haver repreendido Agostinho em questão envolvendo Pelágio e Celéstio, por julgar ter havido precipitação demasiada por parte daquele. Entrementes, Zózimo apóia a condenação expressa pelo seu predecessor Inocêncio. {(24), p.239}.

(7) Que fica para o norte do rio Pó.

(8) Que fica para o sul dos Alpes.

(9) Cidade-porto da Roma Imperial. O porto artificial em Portus, construído pelo imperador Claudius I (41-54 a.C.) para substituir Óstia, foi ligado a Roma mediante canal e o rio Tibre. Depois que duzentos navios ficaram perdidos no porto, durante uma tempestade, em 62 a.C., Trajano adicionou um segundo porto, uma

bacia interior, sem acesso ao mar, unido ao porto claudiano mediante canal. Alguns de seus meios permaneceram em uso até os tempos modernos. {(35), p.148}.

(10) AD é abreviatura da expressão latina *Anno Domini*, Ano do Senhor.

(11) Existia, na mesma costa, uma outra cidade portuária de nome latino Hippo; era a *Hippo Acra*, conhecida pelos romanos como *Hippo Diarrhytus*, agora ocupada pela cidade de Banzat ou Binzert (Bizerta), na costa tunisina. Estabelecida cerca de 350 a.C., ela alcançou particular proeminência no tempo dos romanos e, também, posteriormente.

(12) O *municipium* era uma comunidade que exercitava direitos parciais da cidadania romana.

(13) A colonia, por sua vez, era uma comunidade com plenos direitos da cidadania romana.

(14) No fim do mês de junho do ano de 395 AD, Agostinho tornou-se Bispo Auxiliar de Valério, que era Bispo Titular da Diocese de Hipona, com direito de sucessão. Em face da morte de Valério, em 396, Agostinho sucedeu-lhe, na plenitude do direito. O primaz da África, Magálio, impõe-lhe as mãos em 395. Ao assumir as funções de Bispo de Hipona, Agostinho declara: "Não tenho a intenção de passar o tempo a pavonear-me pelas insígnias prelatícias" {(24), p.157}.

(15) Como atesta uma inscrição em Souk-Ahrás, Patrício pertencia à ordem dos decuriões {(15), p.7}.

(16) Um hectare é um quadrado de cem metros de lado; vale cem ares, sendo um are um quadrado de dez metros de lado.

(17) Esses doze hectares de terra eram necessários para ser curial. Certamente possuía vinhedos e pomares, de cujos frutos saborosos Agostinho se lembrará mais tarde. Curial era uma divisão antiga das tribos romanas. Enfim, mantinha um certo trem de casa, além de um pedagogo encarregado especialmente de seguir e guardar os filhos {(15), p.7}.

(18) Chefe de decúria, que é um grupo de dez coisas.

(19) Aqueles que têm a metade em certos bens e interesses; (Agricultura) aqueles que plantam em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras.

(20) Dido ou Elissa, filha de Muto, rei de Tiro, e irmã de Pigmalião. Tendo seu marido Siqueu sido morto por Pigmalião, ela fugiu e fundou Cartago. Foi lá, segundo a *Eneida* de Virgílio, que se perdeu de amores pelo fugitivo Enéias, que a abandonou a mando dos deuses. Desolada, subiu a uma pira e apunhalou-se. {(26), p.1163}.

(21) Na literatura, direção da imaginação literária para o aventuroso, sem consideração da verossimilhança e da psicologia.

(22) Parte de um porto, ladeada de muros e cais (Lugar lajeado para desembarque de passageiros e carga, na margem dos rios ou do mar), onde se abrigam os navios, que tomam ou deixam cargas.
(23) Planta da família das anonáceas; anoneira, ateira, fruta-do-conde, pinha. Fruto dessa planta: ata, pinha, fruta-do-conde.
(24) Região da Europa antiga, entre o Danúbio, a Nórica, a Ilíria e a Mésia. Foi conquistada pelos romanos de 34 a.C. a 95 d.C.
(25) Região da África do Norte dividida pelos romanos em Mauritânia Tingitana, Cesariana e Sitifiana, depois partilhada pelo Marrocos, Argélia e Tunísia.
(26) O que procura, pela contemplação espiritual, atingir o estado estático de união direta com a divindade.
(27) Relativo à dialética; bom argumentador. Dialética: Arte de raciocinar; lógica; arte de argumentar ou discutir; modo de filosofar que busca a verdade por meio de oposição e reconciliação de contradições (lógicas ou históricas).
(28) Barulho; desordem.
(29) Fazer em cavacos, quebrar; arruinar; despedaçar; alquebrar; destruir.
(30) Habitação rústica; choça; (por extensão) refúgio, abrigo.
(31) Papel velino: denominação genérica de vários *papéis* lisos e compactos, feitos de pasta de trapo, não avergoados, e que imitem o pergaminho; em sentido mais amplo, todo papel não avergoado.
(32) Que não medrou; que definhou; (figurado) néscio, bronco. Medrar: Desenvolver; fazer crescer, melhorar; fazer prosperar; aumentar a fortuna de. Como verbo intransitivo: Desenvolver-se; crescer, vegetando; crescer, prosperar; adiantar-se.
(33) Mestre de retórica; retórico.
(34) Manes ou Manés, fundador do maniqueísmo (Pérsia, início do século III AD - Gundechahpuhr 273 AD).
(35) Peso; carga; azedume; tristeza; pesar; má vontade.
(36) Membros de qualquer associação de malfeitores.
(37) Quinto Aurélio Símmaco, um dos mais distinguidos oradores e defensores do paganismo, que o recomendou, sendo Agostinho nomeado professor em Milão, para onde se transladou em viagem oficial e gratuita {(19), p. 19}.
(38) Nascido de uma família nobre e cristã, em Tréveris (no Latim, "Augusta Trevirorum"), no ano de 340 AD, e falecido em Milão, em 397. Educou-se em Roma com Emílio Probo e Símaco. Exerceu a advocacia por alguns anos. Foi nomeado Prefeito consular da Ligúria e Emília pelo imperador Valentiniano. Em 374 foi proclamado Bispo, em meio às ardentes disputas entre católicos e arianos. Pôs a serviço da Igreja toda a sua firmeza e

atividades inquebrantáveis, caracterizadoras de sua vida. Por sua oratória, foi chamado o "Cícero cristão".
PUCPR - Sala Paranaense
(39) Criança.
(40) Padre dos cenobitas. Agrupou em torno de si muitos anacoretas, na Tebaida, Egito, levando em comum a vida religiosa. Sua santidade era célebre em toda a Igreja. Atraiu muitas pessoas ao deserto, pelo que foi chamado "padre dos monges". Morreu em idade centenária, cerca do ano 350 AD. {(10), p. 614}.
(41) "Toma e lê; toma e lê."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. AGOSTINHO, Santo. *A instrução dos catecúmenos - Teoria e prática da catequese* (Tradução do original latino, *De Catechizandis Rudibus*, e notas por Maria da Glória Novak. Introdução do Pe. Hugo de V. Paiva). Petrópolis, Editora Vozes, 1973. 126p.

02. AGUSTIN, San. *De Magistro*. In: Obras de San Agustin. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1951. 94p.

03. _____ *La Ciudad de Dios*. 2 tomos. Traducida directamente del latín por D.José Cayetano Diaz de Beyral. 3.ed. Buenos Aires, Editorial Poblet, 1945. 858p. y 822p.

04. _____ *Soliloquia*. In: Obras de San Agustin. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1951. 126p.

05. AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 10.ed. Tradução de J.Oliveira Santos e A.Ambrósio de Pina. Petrópolis, Editora Vozes, 1990. 368p. Coleção Pensamento Humano.

06. _____ *Confissões*. (Tradução de J.Oliveira Santos, S.J. e A.Ambrósio de Pina, S.J.) e De Magistro ("Do Mestre""): tradução de Ângelo Ricci). São Paulo, Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973. 356p.

07. _____ *Confissões*. Tradução de Maria Luísa Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antônio da Silveira Mendonça. 3.ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1984 (Coleção Espiritualidade) 428p.

08. _____ *Confissões*. Tradução do original latino por J.Oliveira Santos, S.J., e Ambrósio de Pina, S.J.; prólogo de Lúcio Craveiro da Silva, S.J. 7.ed. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1966. 416p.

09. _____ *Contra os Acadêmicos: Diálogo em três livros*. Tradução e prefácio de Vieira de Almeida, professor da Universidade de Lisboa. Coimbra, Atlântida, 1957. 136p.

10. ANTOÑANA, Gregório Martínez de, R.P.. *Misal Romano Diário*. 4ed. Madrid, Editorial Coculsa, 1954. 1070p. P.866.

11. AUGUSTINE de Hippo, Saint. In: *The New Encyclopaedia Britannica:* Macropaedia, 2, p.364-8. Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1978.

12. _____ In: *The New Encyclopaedia Britannica:* Micropaedia, I, p.649-650. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1978.

13. AUGUSTIN, Saint. *La Cité de Dieu*. (Traduction nouvelle par L.Moreau - Ouvrage couronné par l'Académie Française), édition avec le texte latin. Tomes I, II et III. Paris, Librairie Garnier Frères, s/d. 528p., Tome I; 560p, Tome II; et 580p, Tome III.

14. BECKER, Idel. *Pequena História da Civilização Ocidental*. 7ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1975. 542p.

15. BERTRAND, Luís. *Santo Agostinho*. Tradução de A.Cardoso. 2.ed., 5º milhar. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1952. 320p.

16. BRUGNOLO, A. *Santa Mônica Mãe de Santo Agostinho*. V ed. Porto Alegre, Edições Paulinas, 1940. 96p.

17. BRUNETTI, Aury Maria, C.M.F. Santo Agostinho. In: *Revista AVE MARIA* de 24/VIII/1958, p.486.

18 _____ Santo Ambrósio. Bispo e Doutor da Igreja. In: *Revis-*

ta AVE MARIA de 30/XI/1958, p.702.

19. CAPÁNAGA, Victorino. *San Augustin.* Barcelona, Editorial Labor, 1951. 362p.

20. CARREIRA, Monsenhor Joaquim. *Roma - História, Arte, Religião.* Porto, Lello & Irmão, 1975. 356p.

21. CAULY, Monsenhor. *Curso de Instrução Religiosa.* Tomo IV. Rio de Janeiro, Livraria Paulo de Azevedo, 1931. 592p. P.545.

22. CONGAR, Yves M.-J. *Os leigos na Igreja: estalões para uma Teologia do Laicato.* São Paulo, Editora Herder, 1966. 714p.

23. CONTI, Servílio, Dom, I.M.C. *O Santo do dia.* 2.ed., rev. e melh. Petrópolis, Editora Vozes, 1984. 592p.

24. CREMONA, Carlo. *Agostinho de Hipona: A razão e a fé.* Apresentação do Cardeal Carlo Maria Martini. Tradução de "Agostinho d'Ippona: la ragione e la fede" por Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, Editora Vozes, 1990. 364p.

25. DANIEL-ROPS. *História da Igreja de Cristo.* Tomo I - A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires. Porto, Livraria Tavares Martins, 1956. 728p.

26. *DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO KOOGAN LAROUSSE SELEÇÕES.* 2v. Lisboa, Seleções do Reader's Digest, 1978. 1680p.

27. DUTRA, Antonio de Paula (Cônego, Orientador). *História de Santo Agostinho.* Rio de Janeiro, Editora Brasil-América, 1955. 36p. In: Série Sagrada - Nº 26 - Outubro 1955.

28. FRANCA SJ, Pe. Leonel. I. *Noções de História da Filosofia.* 15.ed., rev. Rio de Janeiro, Livraria AGIR, Editora, 1957. 354p.

29. _____ *Obras Completas II - A Igreja, A Reforma e a Civilização.* 6ed. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1952. 476p.

30. JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Apostólica sobre Agostinho de Hipona* (Augustinum Hipponensem). Petrópolis, Editora Vozes, 1986. 48p. Documentos Pontifícios, 210.

31. LEFEBVRE, Gaspar, Dom. *Missal Quotidiano e Vesperal.* Bruges (Bélgica), Desclée de Brouwer & Cie., 1951. 2.158p. P. 1581-1582; 1367; 1197.

32. MARROU, Henri, com a colaboração de La Bonnardière, A. M. *Santo Agostinho e o agostinismo.* Tradução do francês por Ruy Flores Lopes. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1957. 192p.

33. MILAN. In.: *Encyclopaedia Britannica.* Macropaedia. V.12. P.190.

34. PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia.* São Paulo, Edições Melhoramentos, 1954. 524p.

35. PORTUS. In: *Encyclopaedia Britannica.* Micropaedia. Vol. VIII. P.148. Chicago, Encyclopaedia Britannica, 1978.

36. POSIDIO, San. *Vita Sancti Augustini.* In: Obras de San Agustin. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1957. 112p.

37. ROCHA, Hylton M. *Mônica, uma mulher forte.* 2.ed. São Paulo, Edições Paulinas, 1986. 128p.

38. ROME, Ancient. In: *The New Encyclopaedia Britannica:* Macropaedia, 15, p.1084-1133. Chicago, Encyclopaedia Britannica, Inc., 1978.

Editora Universitária Champagnat
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prado Velho - CEP 80.215-901
Caixa Postal 670 - CEP 80.001-970 - Telefone(041)322-1515
Telex(41)35085 - Telefax(041)225-4373
CURITIBA - PARANÁ - BRASIL